

## Professores, pesquisadores e alunos recebem prêmios de cinco instituições

Entre setembro e dezembro, professores, alunos de graduação e de pós-graduação e um grupo de pesquisa da Universidade foram premiados por associações científicas e profissionais, uma fundação de pesquisa e programas internacionais de cooperação. A professora Monica Heilbron recebeu a Medalha Orville Derby da Sociedade Brasileira de Geologia; o grupo de gestão ambiental da UERJ, o professor Gandhi Giordano, três alunos da Faculdade de Geologia e dois alunos da Faculdade de Engenharia foram premiados pelo Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio de Janeiro; e o professor Nabil Araújo de Souza, do Instituto de Letras, foi um dos vencedores da 4ª edição do Prêmio Professor Rubens Murillo Marques, da Fundação Carlos Chagas. Essas premiações foram acompanhadas de outras duas distinções importantes para a Universidade: a menção honrosa do V Prêmio Ibero-Americano de Educação e Museus para o projeto “Ecomuseu Recicla”, e o prêmio do aplicativo para *smarthphones* Borajunto Táxi. > Páginas 6-9

### No campus

#### Henry Etzkowitz

Convidado pelo Observatório de Negócios Inovadores, Henry Etzkowitz – pesquisador sênior do Instituto de Ciências Humanas e Tecnologias Avançadas de Pesquisa da Universidade de Stanford, na Califórnia – esteve em dezembro na UERJ para uma mesa-redonda que discutiu o tema “Interação universidade-empresa-governo: um caminho para a criação de universidades empreendedoras”. Criador da teoria da Hélice Tríplice, ele diz que o Google é um caso emblemático, pois recebeu forte investimento do governo americano para se consolidar. > Página 3



#### Dominique Wolton

Diretor da revista *Hermès*, periódico acadêmico criado por ele em 1988 e publicado pelas Edições CNRS (do Centro Nacional de Pesquisas Sociais) na França, Dominique Wolton visitou o *campus* Maracanã onde fez uma palestra sobre comunicação política em época de eleição. Nas últimas três décadas, Wolton pesquisou temas contemporâneos importantes – como o indivíduo, o trabalho, os meios de comunicação e a internet – e suas pesquisas contribuíram para a valorização de uma concepção da comunicação que privilegia o homem mais do que a técnica e a economia. > Página 4



## Seminário promove troca de experiências sobre publicações científicas eletrônicas



Parceria entre a Sub-reitoria de Extensão e Cultura, a Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa, a Diretoria de Informática e o Sistema de Bibliotecas da UERJ resultou na primeira edição do Seminário Latino-americano sobre Comunicação Científica e Indexadores. O Seminário teve como proposta estimular o diálogo e a troca de experiências sobre as publicações científicas em meio eletrônico, além de critérios e diretrizes de seleção para indexação em bases de dados. Seis palestrantes brasileiros e estrangeiros apresentaram a base de dados sob sua responsabilidade e seus institutos de pesquisa.

> Página 5

#### Pós-graduação em Educação Física

A Capes aprovou o Programa de Pós-graduação em Ciências do Exercício e do Esporte, do Instituto de Educação Física e Desportos da UERJ. As aulas estão previstas para ter início no primeiro semestre de 2015.

> Página 10

#### Pesquisa Autobiográfica

A UERJ recebeu entre 16 e 19 de novembro o VI Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica, que reuniu cerca de 1.000 participantes do Brasil e de outros 10 países

> Páginas 12 e 13



#### Artes cênicas

O Laboratório de Artes Cênicas, inaugurado em novembro, pretende contribuir para a formação e a qualificação de estudantes, profissionais, pesquisadores e professores de teatro e dança.

> Página 16

## &gt; EDITORIAL

## Reconhecimento

O tom desta última edição do *UERJ Em Questão* em 2014 é o reconhecimento pelo trabalho científico realizado na Universidade, como mostram as matérias sobre prêmios recebidos por professores, por grupo de pesquisa e por alunos de graduação e de pós-graduação entre setembro e dezembro deste ano. Em setembro, em Salvador, a professora Monica Heilbron, Sub-reitora de Pós-graduação e Pesquisa, recebeu a Medalha Orville Derby, concedida anualmente para aqueles que se destacaram com contribuições ao conhecimento geológico do território brasileiro. Em novembro foram dois prêmios: o Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio de Janeiro premiou o grupo de gestão ambiental da UERJ e também o professor Gandhi Giordano, da Faculdade de Engenharia. Nabil Araújo de Souza, professor do Departamento de Literatura Brasileira do Instituto de Letras, foi um dos vencedores da 4ª edição do Prêmio Professor Rubens Murillo Marques, da Fundação Carlos Chagas. Em dezembro, cinco alunos graduados na UERJ em 2013 (três da Faculdade de Geologia e dois da Faculdade de Engenharia) receberam o IV Prêmio CREA-RJ Oscar Niemeyer, cujo objetivo é divulgar a produção acadêmica, valorizar professores e estudantes e estreitar os laços do Conselho com a comunidade acadêmica.

Essas premiações foram acompanhadas de outras duas distinções importantes para a Universidade: a menção honrosa do V Prêmio Ibero-Americano de Educação e Museus para o projeto “Ecomuseu Recicla: Alternativas para o desenvolvimento sustentável de Vila Dois Rios”, que competiu com 135 projetos de 14 países, e o Borajunto Táxi, aplicativo para *smartphones* que pretende estimular o compartilhamento de corridas de táxi por pessoas que fazem o mesmo trajeto – projeto que concorreu com 319 equipes de 38 países e ficaram entre os quatro finalistas.

Três datas importantes também fazem parte desta edição: os 64 anos da UERJ completados no dia 4 de dezembro; os 70 anos de criação do curso de Física, oficialmente reconhecido em 1944, quando ainda funcionava no antigo Instituto La-Fayette, e que foi um dos primeiros a ocupar o espaço no *campus* Maracanã, localizado inicialmente no Pavilhão Reitor Haroldo Lisboa da Cunha e, mais tarde, no Pavilhão Reitor João Lyra Filho; e a primeira década da revista *Adolescência & Saúde*, do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente, completados em outubro.

Essas e outras matérias desta edição mostram que o ritmo acadêmico e científico da Universidade se mantém acelerado – e o reconhecimento externo na forma de prêmios é um dos sinais inegáveis da evolução institucional. Uma boa leitura e um ótimo 2015 aos nossos leitores!

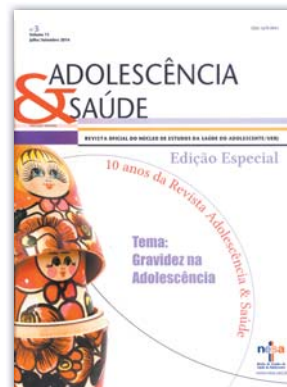
Revista científica *Adolescência & Saúde* completa 10 anos

A revista *Adolescência & Saúde* do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente completou no segundo semestre de 2014 uma década em circulação. Periódico trimestral que publica estudos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros, a revista comemorou a data no dia 1º de outubro, com a presença de professores e pesquisadores no Anfiteatro Ney Palmeiro do Hospital Universitário Pedro Ernesto, para o lançamento de novo número da revista e a inauguração do espaço físico da Biblioteca Virtual em Saúde do Adolescente.

O número 3/volume 11 da publicação é uma edição especial que tem como tema a gravidez na adolescência. A Drª. Isabel Cristina da Silva Bouzas, coordenadora da atenção secundária do NESA e editora-chefe da revista, agradeceu no lançamento as parcerias construídas no período com a Sociedade Brasileira de Pediatria, a Organização Pan-Americana da Saúde e a Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia: “Além da função básica, que é divulgar a ciência, a revista também serviu para integrar pessoas e abrir caminhos para novos projetos. Sugiram parcerias fora e dentro da Universidade”.

A *Adolescência & Saúde*, editada por uma equipe de sete profissionais, foi criada com a finalidade de circular conhecimento e experiências dos profissionais que trabalham com adolescentes no Brasil. Da sua primeira edição, publicada em março de 2004, constam seis artigos produzidos por pesquisadores ligados à UERJ e, em particular, ao NESA. “A revista não estaria forte hoje se não fossem os pesquisadores do Núcleo”, diz Felipe Jannuzzi, editor executivo da publicação há três anos. Com apoio do laboratório Farmoquímica, a revista “entra agora na adolescência”, segundo o professor José Augusto Messias, diretor do NESA: com 41 números publicados, evoluiu da média de seis artigos iniciais para cerca de 10 textos de pesquisadores brasileiros e um estudo estrangeiro em cada edição. Em 2009 a revista foi classificada pelo Qualis/Capes como B5, mas na última avaliação chegou a B1 (o terceiro nível depois de A1 e A2) nas áreas Interdisciplinar, Ensino e Psicologia. “Quando lançamos a revista, eu não tinha noção da dimensão do projeto, de onde a revista poderia chegar. Foi a coragem dos inocentes que a realizou”, conta Isabel Bouzas.

Atualmente com 10 mil exemplares na tiragem impressa, a revista é distribuída em instituições de educação e saúde, como as universidades Federal do



Pará e Federal do Amazonas, secretarias de saúde etc. Todas as edições também estão on-line – desde 2007 está disponível na versão em inglês e desde 2011 em espanhol, o que permite aumentar o seu alcance para além das fronteiras nacionais. Segundo Felipe Jannuzzi, a revista tem leitores em países da América do Sul, no México, nos Estados Unidos, em Portugal e na Espanha. A boa recepção fez os editores estudarem a possibilidade

de distribuição física do periódico para países da América do Sul e, mais tarde, para toda a América Latina. Segundo o Dr. Rodolfo Gomez, coordenador da Unidade de Saúde da Mulher, do Homem, Gênero e Diversidade Cultural da OPAS, isso está sendo estimulado pelos parceiros do periódico, porque a revista “cria um espaço em que as inovações da saúde do adolescente são documentadas e não são boas apenas para compartilhamento dentro do país: são também importantes no contexto externo. Muitos países tomam o NESA como modelo a seguir”.

A comemoração dos 10 anos de *Adolescência & Saúde* teve a presença do diretor do Centro Biomédico, professor Mario Sergio Alves Carneiro; da coordenadora da área técnica em Saúde do Adolescente e Jovem do Ministério da Saúde, Thereza de Lamare Franco Netto; do superintendente de Saúde da UERJ, professor Edmar José Alves dos Santos, e do vice-presidente da Farmoquímica, José Olímpio Mattos. A professora Evelyn Eisenstein, editora científica da revista, fez uma palestra sobre adolescência. A inauguração do espaço físico da Biblioteca Virtual em Saúde do Adolescente – BVS ADOLEC Brasil foi outra atividade do evento. Uma iniciativa do Ministério da Saúde, a BVS ADOLEC integra a Biblioteca Virtual em Saúde para a América Latina e o Caribe e tem como objetivo permitir o acesso on-line cooperativo e descentralizado à informação científica e técnica relevante para a saúde de adolescentes e jovens no Brasil. Na UERJ, o NESA coordena a Biblioteca junto com a revista *Adolescência & Saúde*. O espaço físico criado no 2º andar do Pavilhão Américo Piquet Carneiro resultou de parceria com a Rede Sirius e está voltado para a divulgação da BVS ADOLEC e para capacitar alunos, bibliotecários e profissionais da saúde com ênfase na adolescência. O projeto tem apoio da FAPERJ, OPAS Brasil, da Faculdade de Ciências Médicas, do Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes, do Departamento de Segurança e Saúde no Trabalho e da Diretoria de Informática.



Reitor: Ricardo Vieira Vice-Reitor: Paulo Roberto Volpato

Diretoria de Comunicação Social · Direção: Sonia Virgínia Moreira Pauta e redação: Graça Louzada Reportagem: Fausto Jr. e Lorena Forti Apoio: Andréia Rêgo e Priscila Domingues Fotos: Thiago Facina Projeto Gráfico e Editoração: Rafael Bezerra

Tiragem: 10.000 exemplares Impressão: Infoglobo · Contatos: 21 2334-0638 e comuns@uerj.br

The typeface Ingleby is designed by David Engelby and is available at dafont.com. David Engelby has the creative, intellectual ownership of the original design of Ingleby

# Criador da teoria da Hélice Tríplice debate a relação universidade, empresa e governo

*Ele diz que o Google é um caso emblemático, pois recebeu forte investimento do governo americano para se consolidar*

Convidado pelo Observatório de Negócios Inovadores, programa vinculado à Sub-reitoria de Extensão e Cultura, Henry Etzkowitz, pesquisador sênior do Instituto de Ciências Humanas e Tecnologias Avançadas de Pesquisa (H-STAR, na sigla em inglês) da Universidade de Stanford, na Califórnia, conduziu em dezembro na UERJ uma mesa-redonda para discutir o tema “Interação universidade-empresa-governo: um caminho para a criação de universidades empreendedoras”.

Junto com Loet Leydesdorff, professor da Universidade de Amsterdam, o professor criou em 1996 o modelo de inovação denominado Hélice Tríplice, a partir da observação da relação do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT, na sigla em inglês) com o polo de indústrias do seu entorno entre 1930 e 1940. A questão principal desde aquela época, segundo ele, é que universidade, empresa e governo costumam trabalhar em ritmos distintos, por isso é preciso haver uma liderança (da organização ou individual) capaz de equacionar os ritmos diferentes dos da ciência desenvolvida nas universidades, da produção industrial, que se pauta pelo mercado, e dos governos, que buscam a aprovação da opinião pública. “Foi o que fez Karl Compton, presidente do MIT nos anos 1930”, explica o pesquisador, que completa: “Por causa da atuação desse líder, respeitado na academia, pela indústria e pelo governo, a região da Nova Inglaterra onde está o MIT conseguiu superar a depressão econômica daquele momento”.

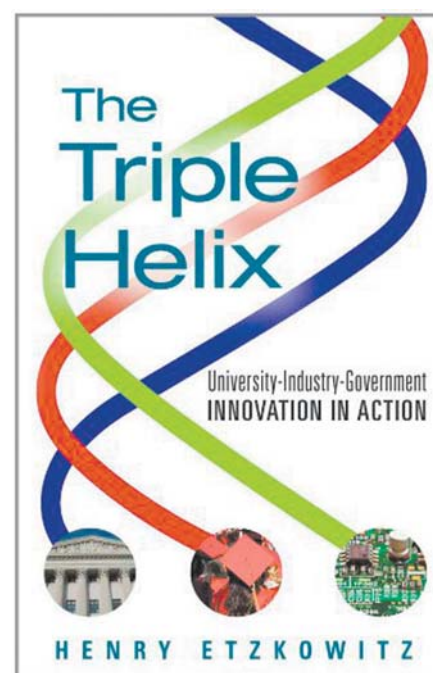
A relação universidade-empresa-governo na qual se pauta a Hélice Tríplice, está direcionada para o desenvolvimento regional. Parte da constatação de que as universidades são fonte de conhecimento à espera de oportunidades de uso e de desenvolvimento; que as indústrias possuem e podem disponibilizar recursos para a prática desse conhecimento, além de oferecer outro tipo de conhecimento (o de mercado) e demanda de novas criações; que os governos, além de determinarem regras do fluxo entre universidades e indústrias, também podem aportar recursos para esse fim. Para uma empresa,



ANDRÉA REGO

qualquer falha no desenvolvimento de um produto significa prejuízo e perda de competitividade. Para os acadêmicos, uma falha pode representar aprendizado e novos experimentos, enquanto para o governo a percepção pública de uma ação equivocada pode inviabilizar novos investimentos. Diante dessas situações, Etzkowitz argumenta que, assim como as duas outras “hélices”, o governo é fundamental: “Mesmo os países que dizem basear sua economia no *laissez-faire* (filosofia do livre mercado), como os Estados Unidos por exemplo, não prescindem da participação do governo. O Google é um caso emblemático. A empresa, ao contrário do que muitos pensam, recebeu forte investimento do governo americano para se consolidar. Sem o interesse e a participação do governo, esse empreendimento certamente não teria a força que tem”.

Durante todo o seu discurso Etzkowitz enfatizou que o modelo da Hélice Tríplice preconiza a presença dos três atores – universidade, empresa e governo – como condição imprescindível para a promoção da inovação e do desenvolvimento de uma região, mas destacou que cada lugar deve aplicar o modelo à sua maneira, analisando os



pontos fortes e fracos da sua própria conjuntura. Segundo o pesquisador, não é a existência de fronteiras (ou às vezes de barreiras) entre os três atores do processo que inviabiliza um empreendimento: “Se assim fosse”, argumenta, “a ausência de fronteiras (ou barreiras) seria o suficiente para o sucesso de qualquer projeto”. Para ele, a melhor prática é aquela que encontra os mais eficazes arranjos produtivos locais aliando a tríade universidade-empresa-governo.

A partir da fala do criador da Hélice Tríplice, a professora Marinilza de Carvalho (professora do IME e coordenadora do Departamento de Inovação da SR2), fez uma breve análise do que vem sendo feito pela UERJ para se tornar uma universidade empreendedora. Segundo ela, faltava à Instituição uma instância gerencial e outra acadêmica que ligassem o trabalho de pesquisa – são mais de 4.500 projetos de pesquisa da UERJ cadastrados na plataforma Lattes – ao setor de tomada de decisões, a Reitoria. “Com esse propósito, foram criados em 2012 o InovUerj e o Observatório. O Departamento de Inovação exerce um trabalho mais administrativo, gerindo atualmente cinco incubadoras, 12 empresas juniores e 125 Unidades de Desenvolvimento Tecnológico (UDTs). Segundo a professora, a gerência é feita a partir do Escritório de Projetos, do Escritório de Propriedade Intelectual e do Observatório de Inovação, que oferecem prestação de serviços, licenciamentos, transferências tecnológicas e consultorias para a sociedade, enquanto o Observatório trabalha na identificação e capacitação dos grupos de pesquisa na Universidade com propostas de inovação.

A mesa redonda da qual participou o professor Etzkowitz, aberta à comunidade acadêmica da UERJ, foi fruto da parceria entre o Observatório de Negócios Inovadores, o InovUerj, o Laboratório de Biomecânica do Instituto de Educação Física e Desporto, o Programa de Pós-graduação em Ciências Contábeis, a Faculdade de Engenharia, a Faculdade de Tecnologia e o Instituto Politécnico do Rio de Janeiro. Depois das apresentações, alunos dos programas de pós-graduação das unidades acadêmicas envolvidas mostraram os seus projetos de inovação.

Também participaram da mesa-redonda a professora Branca Terra, da Faculdade de Administração e Finanças e coordenadora do Observatório; Iolanda Fierro, professora do Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes, e Mariza Almeida, professora da Escola de Engenharia de Produção da UNIRIO e vice-presidente da Triple Helix Association, organização da qual Henry Etzkowitz é o presidente.

# Dominique Wolton visita a UERJ e discute comunicação e estratégias políticas\*

Diretor da revista *Hermès*, periódico acadêmico criado por ele em 1988 e publicado pelas Edições CNRS (do Centro Nacional de Pesquisas Sociais) na França, Dominique Wolton visitou o *campus* Maracanã, onde fez uma palestra para os alunos de pós-graduação em Comunicação da UERJ sobre comunicação política em época de eleição. Nas últimas três décadas, Dominique Wolton pesquisou temas contemporâneos importantes – como o indivíduo, o casal, o trabalho, os meios de comunicação de massa, a internet, o espaço público e a comunicação política. Suas pesquisas contribuem sobretudo para a valorização de uma concepção da comunicação que privilegia o homem mais do que a técnica e a economia. Wolton esteve na Universidade com apoio do Consulado da França no Rio de Janeiro.

**Há uma questão que foi amplamente discutida na mídia (brasileira e mundial), sobre a qual o Sr. provavelmente já deve ter respondido. Mesmo assim gostaríamos de saber qual a sua análise como especialista das manifestações ocorridas no Brasil em junho de 2013.**

Meu ponto de vista é o do exterior, porque é de onde falo. Há dois conceitos complicados do campo da comunicação, talvez os dois mais complicados da teoria da comunicação – estou fazendo aqui um parêntese teórico e depois volto à questão: o conceito de representação e o conceito de estereótipo. Não podemos pensar sem estereótipos, mas o estereótipo é adversário da comunicação. Não podemos chegar ao outro sem a representação, mas a representação é inimiga da comunicação. Quanto mais a mundialização se desenvolve, mais nós precisamos de estereótipos e de representações. O estereótipo é muito importante na comunicação. Então, há um paradoxo que não podemos resolver: o estereótipo impede a comunicação, pois é a representação caricatural do outro. Comunicar é ultrapassar o estereótipo mas, ao mesmo tempo, não podemos nos comunicar sem estereótipos porque para abordar o outro – seja italiano, chinês, inglês – que eu não conheço, não posso abordar a não ser por estereótipos. O estereótipo é o adversário da comunicação e a condição da comunicação, nós não nos livramos jamais dele. Para um francês, um italiano ou um chinês, os movimentos sociais do ano passado são completamente contraditórios com o



YANNI REYDOL

esterótipo que temos do Brasil: o Brasil é a alegria, a festa, o esporte, *la douceur de vivre*. Os movimentos sociais deveriam estar contentes, eles têm o jogo, como os romanos, e de repente, a alguns meses dos jogos (a Copa das Confederações) acontecem as revoltas. Nós dizemos: “Mas eles são loucos – não apenas vão conseguir o dinheiro mundial, como vão aproveitar ainda mais”. Então, do meu ponto de vista, o movimento não foi compreendido e teve duas interpretações: “Eles nos incomodam com policiais, trabalho etc.” – essa foi a reação majoritária, enquanto a reação minoritária foi: “Os brasileiros não são tão idiotas, você não pode comprar sua alma com pão e jogo”. Em todo caso, a segunda reação é a interessante – não se compra um povo com esportes.

## Então o senhor ficou surpreso?

Surpreso e contente. Os brasileiros não são idiotas. Eles são capazes não apenas de jogar futebol, fazer uma Copa do Mundo, mas eles sabem bem que são capazes de dizer ao poder político e, sobretudo, à esquerda: “Vocês pensam que somos bobos”. Eu considero isso muito, muito positivo, quebrou um estereótipo.

## Mesmo para os brasileiros, foi uma surpresa a coragem e a vontade de estar na rua.

Pensamos sempre que o estereótipo é do outro, mas ele é partilhado, todo mundo é pego pelo estereótipo. Vou dar outro exemplo, mais sério que esse sobre o Brasil: o estereótipo sobre o Magreb. Desde os anos 50 se diz que os árabes são incompatíveis com a democracia, que o Islã não é compatível com a democracia. Mas aí explode a Primavera Árabe – o estereótipo se quebrou. E os árabes foram os primeiros a ir para a rua, matar um ditador etc. Na Europa ficamos muito desconfortáveis em relação à Primavera Árabe porque era contraditório ao estereótipo – não dissemos nada, a Europa

não disse qualquer coisa sobre a Primavera Árabe. Quando o movimento desandou dissemos: “Enquanto nós franceses, por exemplo, levamos dois séculos, depois da Revolução Francesa, para alcançar essa democracia vocês querem que a Primavera Árabe seja a solução? É ridículo”. Então, a mundialização é feita por estereótipos perigosos, mas inevitáveis. Isso é sério em relação à Primavera Árabe.

Se eu fizesse uma pesquisa hoje na Europa perguntando: “Vocês se lembram das lutas sociais no Brasil antes do Mundial?” Eu acho que as pessoas já se esqueceram, porque isso as incomoda, os estereótipos voltam. Eu penso que a dificuldade de Dilma Rousseff para a reeleição foi essa: ela também tomou o povo como bobo. Nós temos o mesmo problema na França: François Hollande, à esquerda, faz uma economia política de direita.

## O Sr. falou sobre a política na França. Como o Sr. percebe o alcance atual do partido de extrema direita Front National?

O Front National se nutre de toda traição. O complicado em política é que as pessoas não diziam nada durante muitos anos, isso acontece em qualquer país do mundo. As pessoas vão às ruas, mas não sabem bem o porquê. As pesquisas são inúteis para compreender isso, porque as pesquisas são como instantâneos. Cito a China, porque aquele grande país vai explodir um dia por causa da excessiva mundialização, do excessivo massacre do planeta, do massacre das minorias – os tibetanos, por exemplo. E dizem que isso não é grave. Sim, isso é sério. Não podemos esquecer jamais que os homens não lutam e não morrem pela economia, mas eles matam pela cultura, pela visão de mundo. É por isso que a esquerda é estúpida quando se trata de economia. Quando Marine Le Pen diz que entre nós não existem especialistas, não há elite, que é o povo quem decide, é

evidentemente profundamente demagógico, mas é muito inteligente, porque o povo é de tal forma antielite que se dissemos “somos nós o povo”, bingo!

**A mídia, em especial a televisão, sempre foi vista com suspeita por parte de setores intelectualizados da sociedade brasileira no que concerne à cobertura das eleições. Até hoje há uma controvérsia em relação à edição do debate veiculado pela Rede Globo, em 1989, entre os candidatos à presidência Lula e Collor. Como o senhor vê o papel da mídia no processo democrático, em especial em época de eleições?**

O papel dos meios de comunicação de massa para as eleições é fundamental. A moda de dizer que “a televisão é passado e a internet é o futuro” é estúpida. A internet é positiva para as relações comunitárias, mas qual é a diferença fundamental entre comunidade e sociedade? Comunidade são pessoas que se parecem, que se juntam. A sociedade é a questão política. A democracia consiste em como fazer para manter juntas pessoas que não se parecem, que não têm nada a dizer uma à outra. A internet é formidável para a comunidade, mas não é boa para manter as pessoas cientes da diferença – é a questão do ideal social e isso está nos meios impressos, no rádio, na televisão. Quando há alguma coisa séria – como uma crise política, um risco de guerra – os meios de comunicação de massa são importantes porque juntam as pessoas para além de seu lugar social, sua idade, seu meio cultural. Quando há um programa, mesmo que todo mundo fale mal da TV Globo, nós assistiremos o debate pela TV Globo – todos assistem ao mesmo tempo ao debate. O genial da televisão é o fato de constituir um consumo individual e uma atividade coletiva. Cada um em sua casa é livre para se sentar e assistir à mesma coisa, é uma forma de comunhão. Nós não estamos de acordo, nos preocupamos com o debate, mas assistimos à televisão. Quando há uma eleição, uma guerra, uma crise política séria, um risco de golpe de Estado, uma catástrofe natural, todo mundo imediatamente recorre à TV, mesmo que se anuncie o fim do rádio, da televisão, do papel, dos jornais e que todo mundo esteja “grudado” em seus *tablets*. Na verdade, o *tablet* a gente joga fora nessa hora.

\*Entrevista concedida a Fausto Amaro e Debora Gauziski, alunos do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UERJ, supervisionada pela Professora Denise Siqueira.

## Seminário latino-americano apresenta critérios e diretrizes para indexação em base de dados

Entre os dias 3 e 4 de novembro, a Universidade sediou a primeira edição do Seminário Latino-americano sobre Comunicação Científica e Indexadores, promovido pela equipe do portal de publicações eletrônicas da UERJ, que existe desde 2008, organizado em parceria entre a Sub-reitoria de Extensão e Cultura, via Departamento de Extensão (Depext), a Diretoria de Informática e o Sistema de Bibliotecas da UERJ (Rede Sirius). A proposta que originou o portal foi a de reunir revistas de extensão produzidas na plataforma do Sistema de Editoração Eletrônica de Revistas (SEER) disponibilizado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). A parceria também incluiu a Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa, permitindo que as revistas de pós-graduação, cadastradas como projetos extensionistas, pudessem estar hospedadas no portal, no endereço <www.e-publicacoes.uerj.br>.

Direcionado à comunidade acadêmica, o Seminário teve como objetivos estimular o diálogo e a troca de experiências sobre as publicações científicas em meio eletrônico e sobre os critérios e as diretrizes de seleção para indexação em bases de dados, de modo a qualificar os editores para a inclusão das revistas que já estão no portal (e outras da UERJ) para indexação em outras bases de dados de periódicos científicos. “Indexar significa, além de qualificar e internacionalizar periódicos, ampliar as chances de os programas de pós-graduação serem melhor avaliados, pois um dos critérios de avaliação da Capes, por exemplo, é a publicação de autores nacionais em revistas estrangeiras e/ou de autores estrangeiros em periódicos nacionais – e isso muitas vezes é proporcionado pela visibilidade alcançada com a indexação”, explica o professor do Instituto de Geografia Gláucio Marafon, um dos organizadores do Seminário, editor da revista *Geo UERJ* e diretor do Departamento de Fomento ao Ensino para Graduados (DEPG) da Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa.

O Seminário foi aberto ao público interessado no assunto e teve a participação de 130 pessoas, entre editores



Alexandre Mendonça Bôa, representante da Scientific Eletronic Library Online (SciELO)



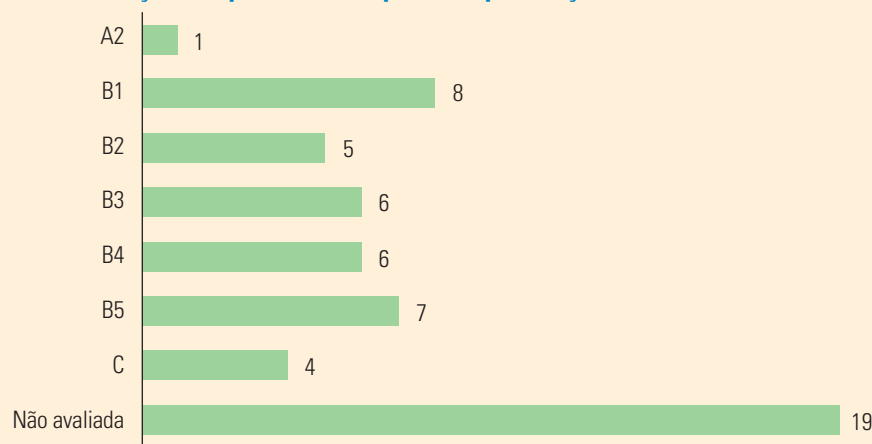
Arianna García, representante da Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal (REDALYC)

e coordenadores de programas de pós-graduação da UERJ e de outras instituições de vários estados brasileiros. Seis palestrantes brasileiros e estrangeiros apresentaram a base de dados sob sua responsabilidade, o seu instituto de pesquisa (no caso dos representantes do IBICT e do PKP), e a rede de bibliotecas (Rede Sirius) e debateram aspectos de interesse da plateia.

Dois apresentações foram especialmente proveitosas para a UERJ, segundo Gláucio Marafon: “A palestra de Arianna García, representante da Red de Revistas Científicas de América Latina y El Caribe, España y Portugal (REDALYC), e a de José Gamboa, do Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América, El Caribe, España y Portugal (LATINDEX). Os dois especialistas também analisaram o portal de revistas científicas da UERJ, com explicações sobre os motivos de indexação ou não dessas revistas em cada uma das bases. As análises serviram como diagnósticos para que os editores da Universidade possam melhorar a qualidade e a visibilidade das publicações sob sua responsabilidade”. Atualmente, o portal de publicações eletrônicas da Universidade reúne 56 revistas, dentre as quais 33 com conceito A ou B, segundo a classificação Qualis (sistema de avaliação de periódicos da Capes). Até o mês de outubro deste ano, o portal apresentou a média de 78.300 acessos a artigos completos.

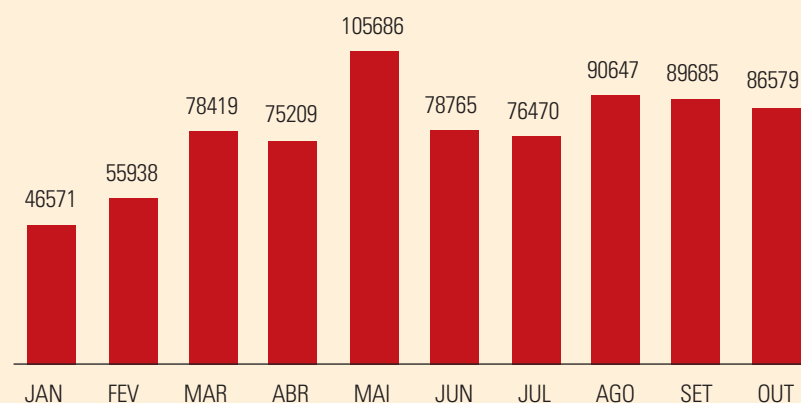
Entre os assuntos debatidos após as apresentações, a maior polêmica foi a possibilidade levantada por Alex Bôa (da Scientific Eletronic Library Online – SciELO), de os autores de artigos passarem a pagar uma taxa de submissão para publicar seus textos. Atualmente, agências de fomento e outros financiadores subsidiam os periódicos científicos, ficando a cargo dos gestores administrarem os recursos para a produção das edições. Segundo Alex Bôa, a SciELO considera que a possibilidade de pagar para publicação se configura como uma tendência do setor e pode resolver alguns problemas, como a discrepância dos recursos oferecidos para diferentes áreas do conhecimento, por exemplo.

**QUADRO 1**  
Classificação dos periódicos no portal de publicações eletrônicas da UERJ



Fonte: WebQualis 2014 - Capes

**QUADRO 2**  
Total mensal de acessos a artigos (texto completo) – UERJ jan/out 2014



Fonte: DEPEXT

# CREA-RJ premia professor e grupo de gestão ambiental

O Grupo de Gestão Ambiental do Projeto Estrada-Parque Paraty-Cunha e o professor da Faculdade de Engenharia, Gandhi Giordano, que também participa do Grupo, receberam o Prêmio CREA-RJ de Meio Ambiente 2014, concedido anualmente pelo Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio de Janeiro. Ganham o prêmio personalidades ou instituições que tenham se destacado por suas posições, ações e projetos nas áreas de Engenharia, Agronomia, Geologia, Geografia e Meteorologia, em favor da preservação, da defesa ou da conservação do meio ambiente, em especial no estado do Rio de Janeiro. A cerimônia de premiação (entrega de troféu e certificado) ocorreu no dia 14 de outubro, na sede do CREA-RJ no centro do Rio.

A seleção dos premiados foi por indicação dentre os profissionais ou instituições vinculados ao Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (Sistema CONFEA/CREA), conforme estabelecido no regulamento. O grupo de gestão ambiental da UERJ foi indicado pela Sociedade de Engenheiros e Arquitetos do Estado do Rio de Janeiro (SEAERJ), onde os professores já haviam apresentado o trabalho em desenvolvimento no Projeto Paraty-Cunha. O professor Gandhi foi indicado pelo geógrafo Wagner da Silva Oliveira, do próprio CREA-RJ, que destacou a trajetória e a atuação do seu candidato em consultorias e pesquisas sobre efluentes industriais (resíduos líquidos oriundos de processos industriais), entre eles o chorume (resíduo líquido, altamente tóxico, oriundo da decomposição de lixo).

A gestão ambiental do Projeto Estrada-Parque Paraty-Cunha consiste em estudos, pesquisas, monitoramentos e intervenções, para a preservação do ecossistema do Parque Nacional da Serra da Bocaina, em parte (9,4 quilômetros) da



Da esquerda para a direita: Ricardo Vieiralves, Reitor da UERJ; Agostinho Guerreiro, presidente do CREA-RJ; professor Gandhi Giordano; e Sérgio da Costa Velho, coordenador da Comissão de Meio Ambiente do CREA-RJ

obra de construção da Estrada-Parque (RJ 165) realizada pelo governo fluminense. O Grupo de Gestão Ambiental do Projeto reúne cerca de 60 profissionais entre professores, pesquisadores e auxiliares de áreas como engenharias civil e ambiental, arqueologia, biologia e educação ambiental e é coordenado pelos professores da Faculdade de Engenharia da UERJ Josué Setta, José Alexandre Pimenta e Moacyr Carvalho Filho.

A principal preocupação do grupo é minimizar os possíveis impactos negativos da construção no interior do Parque; monitorar a qualidade da bacia e das sub-bacias próximas às obras da Estrada; contribuir para a preservação de bens arqueológicos, relíquias da época do império, quando havia a circulação de ouro, de mercadorias e de escravos na área. Para o professor Josué Setta, “o prêmio é o reconhecimento de um belo e consistente trabalho e de que a UERJ está cumprindo o seu papel de devolver à sociedade os frutos do investimento que ela faz na Universidade.”

O outro premiado da UERJ pelo CREA-RJ, professor Gandhi Giordano, teve reconhecido o seu pioneirismo no desenvolvimento de pesquisas voltadas para o adequado tratamento (a não poluição do meio ambiente) e a reciclagem (reuso) de efluentes industriais. Na UERJ, Gandhi se formou em Engenharia Química (1980); se especializou em Engenharia Sanitária e Ambiental (1981) e, desde 1982, é professor do Departamento de Engenharia Sanitária e Meio Ambiente da Faculdade de Engenharia. Em 1979, antes de concluir a graduação, abriu uma empresa, cujo nome atual é Tecma – Tecnologia em Meio Ambiente, especializada no tratamento de efluentes; e em 1999 recebeu o diploma de mestre em Ciência Ambiental da Universidade Federal Fluminense.

Com muitos anos no trabalho de tratamento, pesquisa e consultoria no campo dos efluentes, o professor nota uma mudança de comportamento das indústrias em relação à preservação ambiental que considera significativa: “Nos anos 70, quando muitas indústrias vieram se

instalar no Brasil, a preocupação com a poluição das águas e as leis gerais de proteção ao meio ambiente praticamente inexistentes. Havia pouquíssimas empresas especializadas no tratamento de efluentes. Atualmente, temos uma legislação mais especializada e um corpo industrial preocupado tanto em cumprir essa legislação como em melhorar o controle na emissão de seus efluentes. E isso se deve a uma maior consciência de todos sobre a necessidade de preservação do meio ambiente e ao desejo das próprias indústrias, estimuladas também pela competitividade.

Para o professor Gandhi, o prêmio oferecido pelo CREA-RJ, além de dar visibilidade, serve de estímulo para o desenvolvimento de tecnologias nacionais: “Sempre fizemos pesquisa para aplicação no nosso país, tendo em conta custos, tecnologias, mão-de-obra e legislação (bastante complexa e sofisticada) da nossa realidade. Um prêmio como esse reforça a persistência e a paciência que devemos ter quando queremos atingir bons resultados. O trabalho com chorume, por exemplo, já tem 17 anos. Levamos às vezes três ou quatro anos nos dedicando ao desenvolvimento de uma nova tecnologia. Um projeto dessa natureza envolve captação de recursos, tempo de execução de experimentos, avaliação de resultados ambientais (muitas vezes demorados), otimização de processos etc. Ser reconhecido por todo esse esforço é realmente recompensador.”

Além do Grupo de Gestão Ambiental do Projeto Paraty-Cunha e do professor Gandhi Giordano, também receberam o Prêmio CREA-RJ de Meio Ambiente 2014 o cineasta Sílvio Tandler, o engenheiro agrônomo Sandro Reis e a Associação de Preservação Ambiental das Lagunas de Maricá.

## ALUNOS DA UERJ GANHAM PRÊMIO OSCAR NIEMEYER

No dia 5 de dezembro, cinco alunos formados na UERJ em 2013 (três da Faculdade de Geologia e dois da Faculdade de Engenharia) receberam o IV Prêmio CREA-RJ Oscar Niemeyer, que tem por objetivo divulgar a produção acadêmica,

valorizar professores e estudantes e estreitar os laços do Conselho com a comunidade acadêmica. O nome do Prêmio é homenagem a “um homem à frente de seu tempo e um irremediável apaixonado por sua

## IV PRÊMIO CREA-RJ OSCAR NIEMEYER DE TRABALHOS CIENTÍFICOS E TECNOLÓGICOS

profissão e pela vida, o Engenheiro-Arquiteto Oscar Niemeyer”.

Os estudantes são: Amanda Lira Porto (graduação em Geologia, orientada por Egberto Pereira); Anderson Costa dos Santos (mestrado em Geologia, orientado por Mauro Cesar Galdes); Laura

Delgado Mendes (doutorado em Geologia, orientada por Monica Heilbron); Cássio Marques Rodrigues Gaspar (mestrado em Engenharia Civil) e Cleber Rodrigues Alves (graduação em Engenharia Civil, Estruturas).

## Sub-reitora de Pós-graduação recebe medalha da Sociedade Brasileira de Geologia

Professora da Faculdade de Geologia e Sub-reitora de Pós-graduação e Pesquisa da UERJ, Monica Heilbron foi a primeira mulher a receber a Medalha Orville Derby, oferecida anualmente pela Sociedade Brasileira de Geologia a profissionais das Geociências que tenham se destacado pela contribuição ao conhecimento geológico do território brasileiro. A Medalha leva o nome do geólogo e geógrafo americano, naturalizado brasileiro, que se destacou no século XIX pela participação na Expedição Morgan (uma expedição geológica à Amazônia) e pelo seu trabalho de organização de coleções de mineralogia e paleontologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

A cerimônia de entrega do Prêmio ocorreu durante o 47º Congresso Brasileiro de Geologia – Trilhando as Novas Fronteiras dos Recursos Naturais, realizado em Salvador (BA), entre os dias 21 e 24 de setembro. Além desse prêmio, a professora Monica Heilbron já havia conquistado em 2005, na categoria “profissionais”, o Prêmio Geologia do Estado do Rio de Janeiro – Carlos Walter Marinho Campos, promovido pelo Governo do Estado, via Secretaria de Energia, Indústria Naval e Petróleo (Seinpe) e pelo Departamento de Recursos Minerais (DRM-RJ), destinado à valorização, ao reconhecimento e à preservação da memória daqueles que dedicam a vida profissional à dinamização e ao crescimento da geologia.

Formada em 1980, professora da UERJ desde 1983 e criadora, em 1994, do grupo de pesquisas Tektos, ela comemora: “Estou vivendo um momento muito especial, fechando o meu ciclo profissional com ‘chave de ouro’: sendo reconhecida pela contribuição à geologia do meu país e, ao mesmo tempo, coordenando os mapas e os relatórios sobre a geologia



do estado do Rio de Janeiro para o Programa Levantamentos Geológicos Básicos, do Serviço Geológico do Brasil / CPRM.” O grupo Tektos, coordenado pela professora desde a sua criação, concentra seus estudos na região sudeste do Brasil e produz mapas geológicos em várias escalas. Os mapas geológicos servem para localizar recursos minerais; para a gestão e o planejamento territoriais; para a mitigação de desastres naturais e climáticos e para o desenvolvimento mesmo da Ciência. São muito utilizados no setor de mineração e em atividades *off-shore*, de prospecção, perfuração e exploração, das empresas que produzem petróleo e gás.

Segundo a professora, a UERJ já havia feito praticamente todos os mapas parciais fluminenses e, por essa razão, foi escolhida pelo CPRM para fazer o mapa geral, do estado inteiro: “Será o único mapa geológico de um estado brasileiro feito por uma universidade. Além do reconhecimento de que temos grande conhecimento geológico sobre o nosso estado, isso comprova que foi acertada e estratégica a decisão de oferecermos treinamento de campo aos nossos graduandos. Essa decisão colocou a UERJ entre as melhores universidades do Brasil na produção de mapas geológicos. Por causa da nossa expertise, fomos convidados pelo próprio CPRM a prestar consultoria para a integralização de mais dois mapas estaduais: São Paulo e Espírito Santo”.

## Professor do Instituto de Letras é um dos vencedores do prêmio da Fundação Carlos Chagas

Com o projeto “Ensino de Literatura e Desenvolvimento da Competência Crítica: uma ‘terceira via’ didático-pedagógica”, Nabil Araújo de Souza, professor do Departamento de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura (CULT) do Instituto de Letras, foi um dos vencedores da 4ª edição do Prêmio Professor Rubens Murillo Marques, promovido pela Fundação Carlos Chagas para homenagear as melhores experiências educativas de docentes de Licenciatura dedicados a ensinar e formar novos professores. Mais de 70 projetos enviados de várias partes do Brasil participaram da disputa. O prêmio – que leva o nome de um ex-diretor-presidente (1986-2009) e um dos fundadores da Fundação Carlos Chagas e consiste em R\$ 30 mil, diploma e troféu – foi entregue no final de novembro, na sede da Fundação em São Paulo, na data de comemoração do aniversário de 50 anos da Instituição.

O projeto do professor Nabil Araújo é, de certo modo, fruto da sua participação como avaliador e parecerista, em 2010, no processo de seleção de livros didáticos de língua portuguesa do ensino médio, que resultou no *Guia de livros didáticos 2012*, do Programa Nacional do Livro Didático, do Ministério da Educação. O Programa permite que os estudantes conheçam acervos de obras literárias, de obras complementares e de dicionários de acordo com as escolhas das suas escolas (públicas de ensino fundamental e médio), que se orientam pelas resenhas das obras aprovadas, elaboradas pelos avaliadores e publicadas no Guia.

Em 2010, quando o professor Nabil participou como avaliador e parecerista, a instituição responsável foi a Universidade Federal de Minas Gerais, onde o professor cursava o doutorado e também lecionava. “Eu já me preocupava com a questão do ensino de Literatura, mas a partir das reuniões de equipe no trabalho de avaliação dos livros didáticos para o MEC essa preocupação ganhou mais força. Pude perceber que já existia um consenso razoavelmente sedimentado entre os profissionais de língua portuguesa sobre como deve ser o ensino dessa disciplina e que, com relação à literatura, acontecia o contrário: vertentes inconciliáveis (que identifico como

‘permissividade multiculturalista’ e ‘autoritarismo canônico’) estavam presentes, inclusive e nessa ordem, nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, de 2000, e nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio, de 2006 – dois documentos publicados pelo MEC. As vertentes dividiam os profissionais da área e ainda se mostravam inadequadas para o desenvolvimento da competência crítica dos alunos. O desenvolvimento dessa competência crítica é uma recomendação dos próprios Parâmetros Nacionais voltados para ‘Linguagens, códigos e suas tecnologias: Língua Portuguesa’, na medida em que postulam ‘emitir juízos críticos sobre manifestações culturais’ como competência de ‘investigação e compreensão’ a ser desenvolvida pelo aluno”, argumenta o professor.

O professor propôs e testou em sala de aula uma ‘inversão’ do processo de aprendizado tradicional: “Ao invés de trabalhar com a história literária e com os autores consagrados, os alunos foram convidados a, primeiramente, ler textos de crítica literária publicados pela imprensa nacional, para que percebessem o que os autores fazem e como fazem (a partir de que critérios) quando escrevem textos desse tipo. Com a leitura, os alunos constataram que a crítica literária sempre se propõe a responder, de forma embasada, ‘o que é um determinado texto’ e ‘qual o seu valor’. Em seguida, convidados a produzir os próprios textos de crítica literária sobre determinado autor, os alunos foram estimulados a formular os próprios juízos, também em forma de texto, tendo como base o aprendizado de Literatura que acumularam no Ensino Médio. Com essa experiência, os alunos puderam viver uma síntese de várias questões que envolvem o processo de ensino/aprendizagem da Literatura”. Além de Nabil Araújo, também recebeu o Prêmio da Fundação Carlos Chagas o professor Diego Adaylano, do Departamento de Biologia da Universidade Federal do Ceará, autor do projeto “Novos Saberes ao Estudar e Ensinar Ciências: a construção de uma revista infantil virtual e o desenvolvimento de projetos de divulgação científica”.

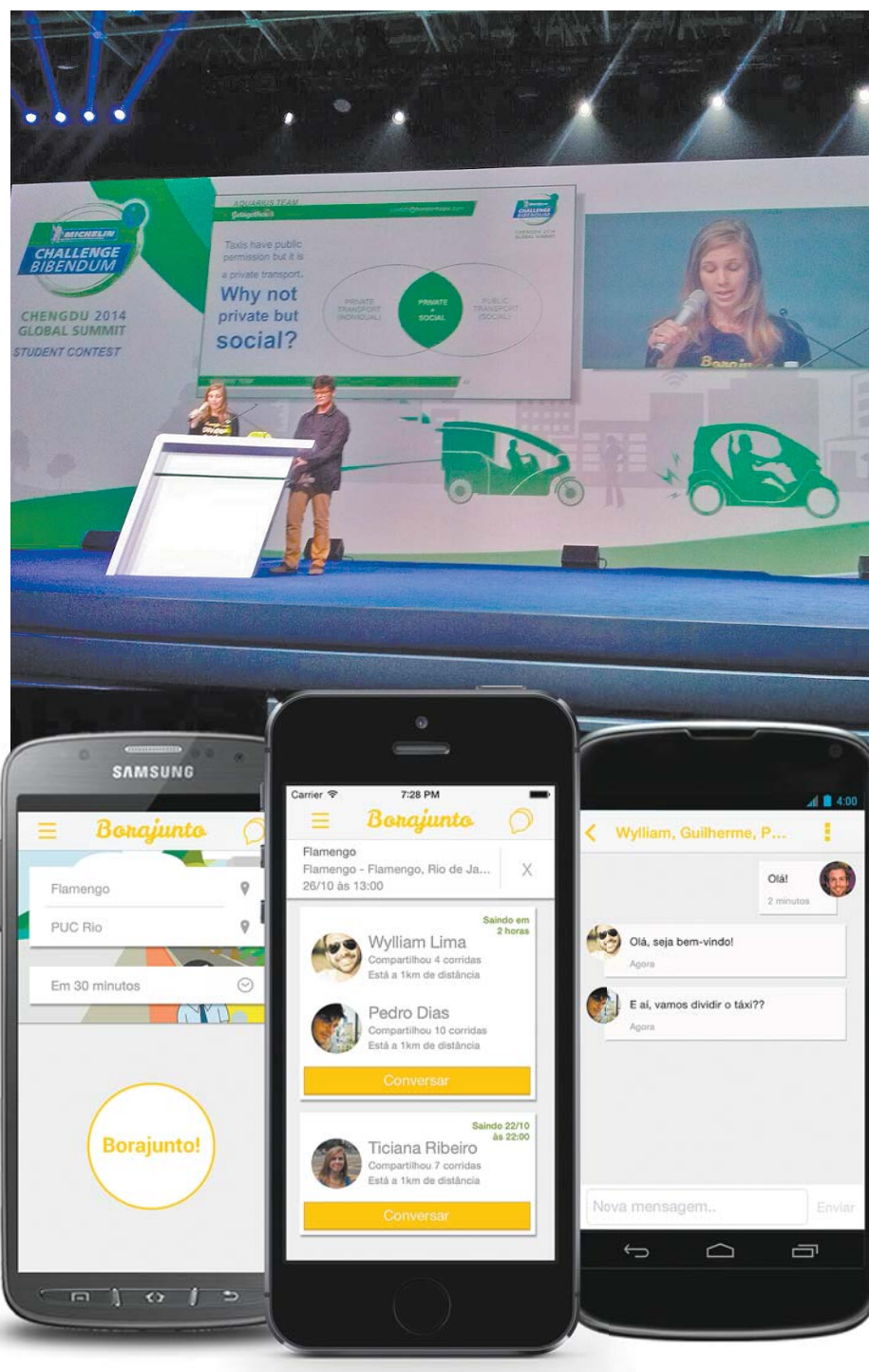
# Estudantes da UERJ e da PUC-Rio criam aplicativo de táxi compartilhado

*Projeto recebeu recursos do programa Startup Rio, do governo do estado*

Dividir a corrida do táxi como opção para poupar gastos, evitar a falta de transporte disponíveis e reduzir o impacto ambiental com o conforto de um automóvel: pensando nessas situações, Ticiane Hugentobler, estudante da UERJ, e Pedro Dias, da PUC-Rio, criaram o *Borajunto Táxi*, aplicativo para *smartphones* que pretende estimular o compartilhamento de corridas de táxi por pessoas que não se conhecem, mas que fazem o mesmo trajeto. Financiada pelo programa Startup Rio, do governo do estado do Rio de Janeiro, a ideia foi premiada em um concurso internacional antes de ser lançada comercialmente.

Disponível para os sistemas operacionais iOS e Android, o *Borajunto* consiste basicamente em indicar para os usuários pessoas com quem pode dividir a corrida de táxi. Para isso, basta o interessado programar no aplicativo (associado à conta do Facebook) o trajeto, a data e a hora da corrida, para o serviço apontar usuários com destino semelhante. “Quando surge alguém com a mesma rota que você programou, abre uma notificação, o que permite uma conversa entre os interessados para combinar melhor a viagem”, explica Ticiane, acrescentando que o aplicativo possibilita o conforto do carro a baixo custo, promove a socialização e evita dirigir no trânsito.

O conceito começou a ser desenvolvido pelos dois estudantes no final de 2013, que inscreveram a ideia no edital 2014 do programa Startup Rio e em fevereiro de 2014 receberam a notícia de que o *Borajunto* estava entre os 50 projetos selecionados. Uma iniciativa público-privada, programa Startup Rio apoia ações de empreendedorismo na área da tecnologia digital a fim de transformar o estado do Rio de Janeiro em referência no assunto. O Startup Rio é uma parceria entre a Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia, o Rio Negócios, a FAPERJ, a UERJ, a Associação das Empresas Brasileiras de Tecnologia da Informação e a rede social profissional ATZ (rede social semelhante ao LinkedIn destinada a recém-formados e universitários). Os



DIVERSIFICAÇÃO

o aplicativo brasileiro foi anunciado como vencedor do desafio para uma plateia de empresários, com grande repercussão na imprensa brasileira.

O lançamento do aplicativo foi no dia 28 de novembro no Rio de Janeiro, depois de quatro meses de desenvolvimento e mais de um ano de projeto. “Ticiane e eu sempre fomos interessados em mobilidade e queríamos criar algo socialmente importante. Planejamos vários produtos até que chegamos ao *Borajunto*”, comenta Pedro Dias. Ele cursa graduação em Design de Mídias Digitais na PUC-Rio e diz que sua formação acadêmica estimula criações de cunho social – e que o propósito do aplicativo, além da simples economia, é fazer com que as pessoas abandonem o uso individual do carro. Ticiane concorda: “Temos no Rio de Janeiro uma geografia tão especial, com morros e florestas. Precisamos ter formas inteligentes de nos locomovermos e que ajude a otimizar a circulação na cidade”. Formada em Administração pela Universidade Feevale, de Novo Hamburgo (RS), Ticiane se diz “geógrafa de coração”: desde 2013 é aluna de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UERJ. Orientada pelo professor Alexander da Costa, seu projeto de pesquisa aborda os impactos geoeconômicos e socioambientais do uso do automóvel, o que a fez pensar em possibilidades para a melhoria do transporte urbano.

Os criadores do *Borajunto* apresentaram o aplicativo a profissionais de táxi em reuniões com empresas e com a Associação dos Taxistas do Brasil (Abrataxi), a fim de esclarecer que a iniciativa promove o uso do táxi, pois reduz o custo para o passageiro. Com 5.000 cadastramentos prévios (antes de ser lançado) no *Borajunto Táxi*, os estudantes acreditam que a ferramenta irá colaborar para o avanço dos serviços de táxis: “Quanto mais gente usar esse tipo de transporte, melhor ficará o serviço. Para o futuro esperamos que o aplicativo seja parceiro de prefeituras para melhorar tanto as condições do serviço de táxi como a relação cliente e taxista”, acredita Ticiane.

criadores do aplicativo receberam da FAPERJ R\$ 93 mil pelo programa. Em julho, com os recursos liberados, os dois começaram a dar forma ao projeto, que contou com a ajuda de outros quatro integrantes.

Antes mesmo de estar disponível para download, o *Borajunto Taxi* venceu o 12th Michelin Challenge Bibendum, concurso internacional do Grupo Michelin que teve como tema “Ideias de mobilidade inovadoras para impulsionar o crescimento e bem-estar urbano”. Dentre 319 equipes de 38 países, os dois estudantes ficaram entre os

quatro finalistas convidados para apresentar o projeto na cidade de Chengdu, na China. Disputaram com eles um grupo da Índia, cujo projeto consiste na produção de hidrogênio para ser usado como combustível, produzido a partir do lixo de fábricas de chocolate. Uma equipe da França apresentou o projeto de um carro modular que se adapta às necessidades diárias do motorista. Outro finalista, também da França, trouxe a ideia de colocar para circular nas cidades carros sem motoristas transportando cada um quatro passageiros. No dia 14 de novembro,



## Ecomuseu Recicla tem menção honrosa em Prêmio Ibero-Americano de Educação e Museus

O V Prêmio Ibero-Americano de Educação e Museus, anunciado durante a abertura do VIII Encontro Ibero-Americano de Museus em outubro, no Museu Nacional de Etnologia em Lisboa, contemplou com menção honrosa o projeto *Ecomuseu Recicla: alternativas para o desenvolvimento sustentável de Vila Dois Rios*, do Departamento Cultural da Universidade. O trabalho foi coordenado pelo professor Ricardo Gomes Lima, diretor do Decult, e competiu com outros 135 projetos de 14 países.

A premiação é uma iniciativa do Programa Ibermuseus, que promove a cooperação e integração dos países ibero-americanos para o fomento e a articulação de políticas públicas para a área de museus.

O Ecomuseu Ilha Grande - inaugurado em 2009 - é um programa de extensão vinculado ao Departamento Cultural da Sub-Reitoria de Extensão e Cultura da UERJ. O projeto de reciclagem recebeu recursos da Faperj e começou em 2011 com oficinas de pintura em lata e de produção de mobiliário e de pequenos objetos em garrafa PET para a comunidade da Vila Dois Rios. O projeto apresentou aos moradores a possibilidade de criar com material descartado - lixo produzido e deixado pelos moradores e visitantes da Ilha Grande - uma fonte de lazer e de renda para os moradores. A primeira exposição dos trabalhos foi realizada em 2012, com a participação de três artesãos. Atualmente o projeto tem a participação de seis produtores: o ex-detento do extinto Instituto Penal Cândido Mendes - onde



THAIS MAMUNI PINHEIRO  
 agora funciona o Ecomuseu - Júlio de Almeida, Marilda Caiães, Edna Ferreira, Osias de Oliveira, Jesiel Pimenta e Fátima Lixa, a única que não mora na Vila Dois Rios.

Apesar do pequeno número de artesãos, o projeto envolve os cerca de 100 habitantes da comunidade. Tornou-se rotina para eles o recolhimento de material reciclável para os produtores. "Você tem a população mobilizada nessa tarefa. Mesmo que a pessoa não seja artesã, ninguém mais joga garrafa PET no lixo. Todos pensam em levar para os produtores", diz Ricardo Lima, que agora desafia quem encontre focos de poluição nas areias e ruas da Vila.

A menção honrosa recebida pelo projeto no V Prêmio Ibero-Americano soma-se a outras conquistas, como o fim de um problema ambiental e a integração efetiva da comunidade da Vila nas atividades que envolvem os turistas e os profissionais e alunos da UERJ. "O Ecomuseu em si é um tipo diferente de museu, pois preza a participação da comunidade dentro de suas atividades", afirma a museóloga do Ecomuseu Ana Luiza do Amaral.

Os produtos em PET e em madeira nas linhas de decoração e de bijuteria estão à venda no Ecomuseu Ilha Grande. Por ser mais uma opção de lazer do que de geração de lucro, o trabalho não é realizado em grande escala. "A ideia é que eles não se tornem escravos da produção. E que façam o artesanato dentro do tempo deles, com prazer, vendendo tudo o que produzem", explica o coordenador.

## O legado do professor e pesquisador Marcus Figueiredo

Estudioso de temas ligados à Teoria Política Contemporânea e ao Comportamento Político - como democracia, sistemas partidários, campanha eleitoral, persuasão política e eleitoral e metodologias para a ciência política - Marcus Faria Figueiredo, professor do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da UERJ, faleceu no dia 2 de agosto aos 72 anos. Formado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense, mestre e doutor em Ciência Política, respectivamente pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) da Universidade Cândido Mendes, do qual foi um dos fundadores, e pela Universidade de São Paulo, Marcus Figueiredo era professor do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Ciência Política e coordenador, além de criador, do Laboratório de Pesquisas em Comunicação Política e Opinião Pública (Doxa) do IESP, onde formou dezenas de investigadores, muitos dos quais hoje professores da própria UERJ, da UNIRIO, da UFF, da UENF, da USP e de outras universidades brasileiras.

Um dos pioneiros na análise de pesquisas eleitorais no período de redemocratização do Brasil, Figueiredo também foi consultor em algumas campanhas eleitorais no país e no exterior. Para Fabiano Santos, professor do Departamento de Estudos Políticos do IESP, como

especialista em pesquisas de opinião, o professor "ajudou a construir todo um campo de trabalho para o cientista político em nosso país ao aplicar sua expertise acadêmica em campanhas eleitorais. Além disso, teve contribuições relevantes em discussões sobre reforma política, políticas públicas e estudos sobre repressão e coação no período da ditadura. Foi o criador da área de Comunicação Política no âmbito da Ciência Política brasileira, onde hoje atuam muitos dos melhores quadros da disciplina no Brasil. Antes de abrir esta frente escreveu, pesquisou e orientou inúmeras teses sobre eleições e participação política, objeto de livro clássico de sua autoria, resultado da sua tese de doutorado pela USP: *A Decisão do Voto - Democracia e Racionalidade* (2008). Embora não tenha sido meu orientador, Marcus foi crucial para a elaboração de minha tese de doutorado. Em sua sala, despensei horas a fio em meu auxílio. Percebi ali a generosidade e a dedicação de um verdadeiro professor. Entendo perfeitamente a razão por que tanta comoção pelo seu passamento".

Outro aspecto refletido na postura profissional de Marcus Figueiredo foi levantado por Felipe Borba, seu orientando no mestrado, no doutorado e no pós-doutorado, com quem o professor dividiu nos últimos dois anos a coordenação do Doxa: "Apesar de ter estado tanto tempo

próximo ao Marcus, sempre o percebi como uma pessoa bastante reservada. Eu sabia dos seus hábitos de pessoa simples, do seu gosto por novelas, por futebol, em especial pelo Flamengo. Nesses anos todos de convivência, porém, nunca soube sobre seu posicionamento político, em quem votara, por exemplo, nas eleições para presidente. Acho que o seu lado pesquisador sempre falou mais alto. Sempre demonstrou agir com isenção". Isenção que, segundo Adalberto Cardoso, diretor do IESP, também se revelava "no rigoroso enquadramento teórico e metodológico de suas pesquisas". Para ele, Marcus Figueiredo era - além de um excepcional cientista político, de um colega exemplar - alguém que tratava com minúcia as questões institucionais: "O IESP, em sua configuração atual, deve muito à contribuição sempre criteriosa, lúcida, solidária e certa de Marcus para o desenho de estratégias coletivas e para a definição dos rumos a seguir, em meio à longa crise enfrentada pelo Iuperj a partir de 2004 e, posteriormente, à sua institucionalização dentro da UERJ. Sentiremos muita falta do Marcus, do seu senso de humor refinado, da sua amizade, da sua irrestrita lealdade pessoal e institucional. Ele era uma pessoa sem dúvida identificadora da instituição que ajudou a construir. Marcus, ao nos deixar, deixou-nos menores. Cabe a nós dar continuidade a seu importante legado".

## 50 servidores completam 25 anos de UERJ no 64º aniversário da Instituição

Um total de 50 funcionários da Universidade – entre técnico-administrativos e docentes – foram homenageados pelos 25 anos de trabalho na instituição. A tradicional cerimônia de homenagem faz parte das comemorações do aniversário da UERJ que, este ano, completou 64 anos. A solenidade foi conduzida pelo Vice-reitor Paulo Roberto Volpato. A professora Rosana Glat, diretora da Faculdade de Educação, fez o discurso em nome dos homenageados.

A cerimônia no dia 4 de dezembro, data do aniversário da Universidade, foi realizada no Teatro Odylo Costa, filho e entre os 50 servidores que completaram 25 anos de UERJ estava o Reitor Ricardo Vieiralves de Castro. Todos receberam de brinde um kit com pin, caneta, pen-drive, certificado e medalha. No

discurso em nome dos homenageados, a professora Rosana Glat recorreu à sua trajetória na Universidade para falar dos avanços e desafios vivenciados por todos que ingressaram em 1989. Ela registrou o progresso na área de pesquisa e a consolidação dos programas de pós-graduação. Também destacou as metas para o futuro, como o aprimoramento dos cursos de graduação, a valorização dos cargos de gestão acadêmica e a incorporação da dedicação exclusiva à apósentadoria: “Um dos conceitos básicos



do budismo é *Hendoku Iyaku*, que significa transformar o veneno em remédio. Ou seja, tomar nossas dificuldades e obstáculos como desafios para

que alcancemos novos patamares de crescimento. É isso que estamos fazendo e teremos que fazer ainda mais intensamente no futuro”, disse a representante dos homenageados.

A comissão organizadora do evento – integrada por representantes da Superintendência de Recursos Humanos, da Prefeitura dos *Campi*, da Sub-reitoria de Extensão

e Cultura, da Diretoria de Comunicação Social, da Diretoria de Administração Financeira e do Hospital Universitário – também organizou homenagens especiais a servidores da Instituição. Este ano foram três os homenageados: a professora Lucia Paschoal Guimarães, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, o coordenador de segurança Sérgio Henrique Neves da Silva e Jorge Lima dos Santos, da Gráfica da UERJ. A semana do 64º aniversário da Universidade aconteceu entre os dias 1º e 4 de dezembro. Além da cerimônia dos 25 anos de UERJ, a programação incluiu show do grupo Casuarina e apresentações da Orquestra de Solistas do Rio de Janeiro, do Grupo de Dança da Terceira Idade e da Oficina de Dança do Ventre da COART.

## Educação Física terá cursos de mestrado e doutorado a partir de 2015

A Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) aprovou em novembro o Programa de Pós-graduação em Ciências do Exercício e do Esporte, do Instituto de Educação Física e Desportos da UERJ. Os cursos de mestrado e de doutorado serão incorporados ao Instituto a partir de proposta encaminhada pela Capes à Universidade, prevendo a adaptação da pós-graduação que existia na Universidade Gama Filho com a inclusão de professores e pesquisadores vinculados ao seu Programa.

A pós-graduação *stricto sensu* criada pela Universidade Gama Filho foi paralisada devido ao descredenciamento da universidade pelo Ministério da Educação no início de 2014. A proposta de adequação e acolhimento do Programa pela UERJ foi enviada em fevereiro, mas a reestruturação levou um tempo porque demandou o esforço conjunto da direção e dos docentes do Instituto de Educação Física para que o este atendesse às condições necessárias para receber o Programa. Depois de visitas de representantes da Capes ao espaço da Faculdade e de alguns ajustes realizados, o Programa foi aprovado pela Capes em novembro. Com isso, o Instituto está recebendo simultaneamente os cursos de mestrado

e doutorado com conceito 4 e quatro linhas de pesquisas. “Há três anos estamos lutando para uma pós *stricto sensu* na Educação Física. Com essa conquista avançamos oito anos”, diz a coordenadora do Programa, professora Nádia Souza Lima da Silva.

Previsto para ter início no primeiro semestre de 2015, o Programa de Pós-graduação em Ciências do Exercício e do Esporte tem o quadro inicial formado por 16 professores – sete deles da extinta Gama Filho, sendo que seis deles já foram professores visitantes na Universidade, e um professor colaborador. Segundo o diretor do Instituto, professor Edson Almeida Ramos, serão realizados 18 concursos para professor, cinco dessas vagas destinadas pela Reitoria para atender especificamente à pós-graduação. A professora Nádia explica que na reunião do Conselho Departamental (órgão deliberativo máximo do Instituto composto por direção da Unidade chefes de departamento, representação discente e representação dos técnico-administrativos) ficou decidido que o perfil dos docentes selecionados para as outras 13 vagas atenderá a graduação e a pós-graduação.

Para o preenchimento das 52 vagas disponíveis para pesquisadores do

programa serão lançados dois editais paralelamente. O primeiro será para transferência, voltado para os alunos que já faziam parte do Programa na Gama Filho, sem processo seletivo, permitindo que aqueles matriculados regularmente na Gama Filho sejam transferidos para a UERJ a fim de finalizar a sua formação: são 10 vagas para o mestrado e 19 para o doutorado. O segundo edital tem caráter seletivo e corresponde a vagas novas – 19 para o mestrado e quatro para o doutorado. Os candidatos podem escolher entre as quatro linhas de pesquisa: Abordagens Biológicas do Exercício Físico e Abordagens Psicossocioculturais do Exercício Físico (área de concentração Aspectos biopsicossociais do exercício físico); Abordagens Biológicas do Esporte e Abordagens Psicossocioculturais do Esporte (área de concentração Aspectos biopsicossociais do esporte). “O tema do exercício possui assim essas duas grandes vertentes: uma biológica, para a análise de fenômenos bioquímicos e fisiológicos, e outra voltada para o aspecto psicossocial e cultural”, explica a professora Nádia Lima.

Ela diz também que a chegada do Programa à Universidade provocou uma movimentação entre os alunos interessados em continuar sua formação

acadêmica. A inserção do Programa de Pós-graduação em Ciências do Exercício e do Esporte também vai permitir que o processo de formação continuada dos alunos egressos da UERJ ocorra na própria Universidade, em prosseguimento às atividades iniciadas na graduação e desenvolvidas nos laboratórios e nos grupos de pesquisa. “Temos trabalhos com hipertensos e obesidade infantil, entre outras pesquisas. Não havia porque ficarmos parados na graduação”, diz o diretor Edson Ramos.

Além de representar a retomada do curso da Gama Filho e de estimular os graduandos à formação continuada, a professora Nádia aponta outras vantagens do Programa, entre as quais: permitir que novas pesquisas sejam desenvolvidas na Universidade, facilitar o envolvimento da graduação com alunos de outros níveis (fortalecendo a formação) e a possibilidade de qualificar alguns docentes do Instituto que ainda não fizeram o doutorado. Entre os desafios, o principal será a manutenção do Programa: “Estamos começando do zero. Por isso temos que lutar para fazer um trabalho competente a fim de consolidar o Programa, manter e até aumentar o seu conceito na Capes”, completa a coordenadora.



## Lançamentos da Editora

### A ÓPTICA DO ESTADO: VISUALIDADE E PODER NA ARGENTINA E NO BRASIL

*Jens Andermam*

O autor estabelece um diálogo com o pensamento político e social brasileiro e argentino combinando, na construção do seu referencial teórico, as áreas de História, Antropologia e Estética. Com base em pesquisa em acervos, analisa nos dois países a criação de museus, a organização de exposições e a documentação visual – em particular, mapas e registros fotográficos.



### HISTÓRIA E RAÍZES DO PRINCÍPIO DE CONSERVAÇÃO DE ENERGIA

*Ernst Mach*

Integrante da coleção Clássicos da Ciência, esta é a primeira versão do texto em português. O autor propõe um ponto de vista epistemológico, baseado na fisiologia dos sentidos, no que diz respeito à ciência como um todo e em particular no que se refere à Física. A obra é marcada pela personalidade do cientista-filósofo austríaco, defensor do empirismo e da liberdade de opinião e avesso à metafísica.



### RENATO REZENDE POR EDUARDO GUERREIRO B. LOSSO

Eduardo Guerreiro B. Losso, professor de teoria da literatura, analisa a poesia de Renato Rezende, ganhador do Prêmio Alphonsus de Guimaraens da Biblioteca Nacional. O cuidado formal com a língua, a busca existencial e o engajamento contracultural são características da poesia de Rezende, que faz parte da geração de poetas dos anos 1990. O leitor encontrará na antologia poemas de livros como *Passagem*, *Ímpar* e *Aura*.



### MANUEL DE FREITAS POR LUIS MAFFEI

Luis Maffei, vencedor do Prêmio Icatu de Artes / Literatura em 2013 e professor de literatura portuguesa, analisa os poemas de Manuel de Freitas. Mostra um poeta que tem a ironia como forte aliada em sua produção, denunciando de modo recorrente linguagens hegemônicas, como a publicitária. Da antologia da obra de Manuel de Freitas fazem parte poemas selecionados de livros como *Juros de demora*, *Blues for Mary Jane* e *A flor dos terremotos*.



### JOAQUIM BARBOSA

*Entrevistado por Heloisa Helena Barboza e Maria Andréa Loyola*

Joaquim Barbosa, ex-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), relata suas experiências de vida e sua trajetória profissional dedicada à área do direito público. Também aborda o seu trabalho em relação à discriminação racial, a relação entre os poderes da República, o sistema político brasileiro e as conquistas sociais recentes obtidas no âmbito do STF.



### MÁRIO PERINI

*Entrevistado por Andréa Rodrigues, Claudio Cezar Henriques e André Rangel Rios*

Conhecido pelos estudos críticos e propostas renovadoras no ensino da gramática no Brasil, Mário Perini fala sobre sua trajetória profissional e seus conhecimentos no domínio linguístico. Inclui temas em destaque entre linguistas e professores – como o papel atribuído hoje aos gêneros textuais no ensino do português e a maneira do Enem avaliar o conhecimento linguístico do egresso do ensino médio. Propõe uma reflexão sobre o papel dos educadores brasileiros na área de Letras.



### PARENTESCO, TECNOLOGIA E LEI NA ERA DO DNA

*Claudia Fonseca*

Aborda as consequências da disseminação do teste de DNA como mecanismo para investigação da paternidade. Sob prisma antropológico, a autora observa as alterações produzidas pelas novas tecnologias nas formas de pensar e nos conceitos relativos a família e paternidade e na criação de políticas públicas e leis nacionais.



### VOZES DA EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO DOCENTE – EXPERIÊNCIAS, POLÍTICAS E MEMÓRIAS POLIFÔNICAS

*Marcia Soares de Alvarenga, Lúcia Velloso Maurício e Anelice Ribetto (org.)*

As organizadoras da coletânea apresentam diferentes compreensões do magistério abrangendo sucessos, decepções, superações e criatividade. Os diferentes eixos exploram temas como cotidiano escolar, profissionalização e identidade docente. Os ensaios representam diferentes vozes – brasileiras, argentinas e mexicanas –, cujas pesquisas aprofundam o debate no âmbito da formação docente.



### A VOCAÇÃO DE MODERNIDADE DE BARCELONA: ASCENSÃO E QUEDA DE UMA IMAGEM URBANA

*Joan Ramon Resina*

Professor da Universidade de Stanford, o autor narra criticamente a modernidade de Barcelona, construindo um percurso que vai da Exposição Universal de 1888 às Olimpíadas de Verão de 1992. Com base em repertório e metodologia crítico-histórico-literária, permite aos estudiosos de questões da cultura e de temas inerentes às grandes paisagens urbanas perceber melhor as representações da cidade que os barceloneses elaboraram no decorrer do século.



### O GOSTO DO MUNDO: EXERCÍCIOS DE PAISAGEM

*Jean-Marc Besse*

Os cinco ensaios reunidos neste livro demonstram porque a paisagem ocupa hoje um lugar decisivo nas preocupações sociais e políticas. O autor reflete sobre o ponto de vista do paisagista, do arquiteto e do jardineiro, além de investigar a perspectiva do sociólogo, do antropólogo, do geógrafo, do ecólogo e do filósofo. Nesse percurso multidisciplinar, Besse convida o leitor a pensar sobre a experiência paisagística considerando os seus múltiplos sentidos e significados na sociedade contemporânea.



### O MACACO DOURADO: BIOMA MATA ATLÂNTICA

*Alexandre Santos de Alencar, Antonio Carlos de Freitas, Daniele Pedrosa Monteiro e Israel Felzenszwalb (org.)*

Bioma pode ser definido como uma grande comunidade de plantas e animais que são adaptados a um tipo de clima, de relevo e a outras características ambientais. Este livro analisa um dos principais biomas brasileiros – a Mata Atlântica. Indicado a estudantes e interessados nas riquezas naturais, traz o registro fotográfico de diversos ecossistemas, valorizando a beleza da fauna, da flora e de outros componentes ambientais. As imagens são acompanhadas por textos explicativos em linguagem simples.



### OUTRAS GLOBALIZAÇÕES: COSMOPOLÍTICAS PÓS-IMPERIALISTAS

*Gustavo Lins Ribeiro*

Sob uma perspectiva antropológica, o autor analisa os movimentos de resistência política à globalização promovida pelo capital financeiro e pelas corporações transnacionais. Estuda os processos políticos e econômicos alternativos que se desenvolveram em escala mundial – como as manifestações de rua, de filosofia antiglobalização e os Fóruns Mundiais Sociais – como cenários nos quais é reivindicada uma globalização alternativa.



### EU ASSINO EMBAIXO: BIOGRAFIA, MEMÓRIA E CULTURA

*Clarisse Fukelman (org.)*

Dezenove autores brasileiros e dois franceses reúnem reflexões desenvolvidas em suas respectivas áreas de atuação para tratar da biografia como narrativa predominantemente textual, mas cultivada igualmente no âmbito da pintura, da fotografia, do cinema e da internet. Marcada pela percepção filosófica e histórica do tempo, fundamental à psicanálise e fonte da ficção, a narrativa biográfica é observada também em suas implicações jurídicas, políticas e sociais.



# Alunos recebem prêmios por trabalhos apresentados durante UERJ Sem Muros

A entrega dos prêmios para alunos e professores que apresentaram resultados de pesquisa, de projetos de extensão ou de graduação no UERJ Sem Muros em 2014 aconteceu em novembro, na Capela Ecu-  
mênica. A Sub-reitoria de Graduação concedeu o Prêmio Professor Sgarbi Lima; a Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa, o Prêmio Professor Roberto José Ávila Cavalcanti Bezerra (para alunos de Iniciação Científica); e a Sub-reitoria de Extensão e Cultura, o Prêmio Maria Theresinha do Prado Valladares, para os trabalhos de extensão. Na cerimônia de abertura, o Reitor Ricardo Vieiralves destacou que aquela era “uma solenidade que vem ao encontro da própria vocação da Universidade, que é o reconhecimento acadêmico e o reconhecimento do mérito. Somos uma instituição ocidental inventada há cerca de 900 anos aproximadamente. Essa invenção da Universidade, na época masculina, canônica, tutelada pela Igreja Católica, tinha a mesma marca de hoje, que era o reconhecimento do mérito, o reconhecimento da heterogênesse, o reconhecimento da competência. Não somos uma instituição como outras, nós reconhecemos como valor a produção intelectual, o valor do mérito acadêmico”.

A professora Lená Medeiros, Sub-reitora de Graduação, recuperou a referência do Reitor ao surgimento da universidade para acrescentar que “as universidades surgem no momento das corporações de ofício e a universidade nada mais é do que a corporação dos intelectuais. Em qualquer corporação de ofício, ao final, para passar de aprendiz a mestre, o aluno era obrigado a fazer uma obra-prima, qualquer que fosse o ofício. Essa questão da obra-prima na universidade ainda se explicita nos trabalhos de final de curso,



Alunos são cumprimentados pelo representante da Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia pelo Reitor Ricardo Vieiralves, pelo Vice-reitor Paulo Roberto Volpato e pela Sub-reitora Mônica Heilbron

## NÚMEROS DO UERJ SEM MUROS 2014

### V Prêmio de graduação Fernando Sgarbi Lima:

14ª Semana de Graduação (SR1)

Participação: 786 inscrições

Premiados: 9 premiados e 9 menções honrosas

### Prêmio de Iniciação à Ciência Roberto José Ávila Cavalcanti Bezerra

23ª Semana de Iniciação Científica– (SR2)

Participação: 928 inscrições

Premiados: 12 premiados e 79 menções honrosas

### V Prêmio de Extensão Professora Maria Theresinha do Prado Valladares

18ª Mostra de Extensão / 25ª Feira de Prestação de Serviço / 11º Espaço Ciência (SR3)

Participação: 528 inscrições

Premiados: 5 premiados e 3 menções honrosas



de mestrado, de doutorado – e eu poderia dizer que esse momento em que vocês apresentaram, submeteram o trabalho para avaliação, é o momento de desenvolvimento de habilidades para a construção

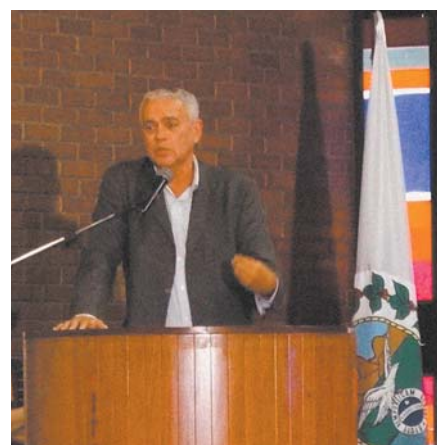
da obra-prima”. Ela acredita que o UERJ S-em Muros mostra a integração que existe entre ensino, pesquisa e extensão: “Na graduação tivemos 787 trabalhos inscritos, participaram 1.160 alunos, 594

supervisores e 62 avaliadores. Um trabalho que envolveu uma série de modalidades: estágio interno complementar; iniciação à docência; monitoria; projeto de final de curso; atividade de inserção em práticas acadêmicas; PET, Programa de Educação Tutorial, que associa pesquisa, ensino e extensão; PIBIC, que é um grande programa da CAPES de iniciação à docência, nós já temos mais de 500 alunos recebendo bolsa CAPES/PIBIC e de Pró-docência, que é outra atividade voltada para licenciaturas”.

Para a professora Regina Henriques, Sub-reitora de Extensão e Cultura, é possível afirmar que “a extensão universitária é uma das ações acadêmicas mais recentes na história das universidades



Público presente à cerimônia de premiação do UERJ Sem Muros



Prof. Roberto Cavalcanti Bezerra, nome do prêmio de IC em 2014

# Programa de extensão reúne projetos alinhados com o turismo solidário

Com ênfase em cultura, alimentação e promoção da saúde, o Programa de Extensão Turismo Solidário, Cultura e Vida (Turvida), criado em outubro por meio de Ato Executivo de Decisão Administrativa (AEDA 061), reúne inicialmente quatro projetos: “Rede Brasilidade Solidária”, coordenado pelo professor Rafael Fortunato, do Departamento de Turismo (vinculado ao Instituto de Geografia); “Promoção da alimentação adequada e saudável na perspectiva do Turismo Solidário”, coordenado pela professora Inês Rugani, diretora do Instituto de Nutrição; “Esporte, Saúde e Lazer na UERJ”, coordenado pelo professor Edson Ramos, diretor do Instituto de Educação Física e Desportos e “Promovendo a vida, prevenindo riscos e danos”, coordenado pela professora Lina Berardinelli, da Faculdade de Enfermagem. Outros projetos poderão participar do Programa na medida em que houver adesão de outras unidades acadêmicas.

O Programa, como um todo, baseia-se nos pilares do Turismo Solidário: visitação, vivências, vendas, vínculos, veicula o e valida o, cuja discussão acadêmica teve início com o professor Rafael Fortunato durante a elabora o da tese de doutorado intitulada “Turismo solidário e a (re)descri o social no Vale do Jequitinhonha-MG”, defendida em 2011. Considerando a multiplicidade de fatores envolvidos no turismo, os seis “Vs” conferem

## INDICADORES DO TURISMO SOLIDÁRIO

### Visita o

Roteiros baseados nos saberes locais

### Vivência

Aumento no nível de intimidade

### Vendas

Campanhas de marketing

### Vínculos

Economia solidária e arranjos produtivos locais

### Veicula o

Responsabilidade socioambiental dos empreendimentos

### Valida o

Reprodu o da tecnologia social

## QUESTÕES

Propõe um cardápio de roteiros inovadores baseados em saberes locais e no envolvimento em a es sociais e em visitas   associa es comunitárias e seus projetos?

Proporciona uma convivência de, no mínimo, duas horas por dia entre o turista e a popula o local, independente de a es voluntárias, e cria condi es para que o nível de intimidade possa aumentar?

Realiza campanhas de marketing e busca parcerias institucionais para atrair visitantes?

Elabora diretrizes que indicam trabalhos no campo da economia solidária e dos arranjos produtivos locais?

Disponibiliza, para os turistas, informa es relacionadas   responsabilidade social dos empreendimentos envolvidos?

Possui uma política na perspectiva da Tecnologia Social (troca de experiências relativas a dificuldades e potencialidades para que outros indivíduos possam dela se beneficiar, pressupondo o caráter das rela es e dos modos de produ o da existência)?

Fonte: FORTUNATO e NEFFA, 2014. *Abordagem complexa e desenvolvimento local por meio do turismo solidário: o caso da rede Brasilidade Solidária*. Revista Turismo em Análise, v. 25, p. 51-74.

uma abordagem complexa   promo o da atividade turística, gerando a es e servindo como indicadores para a sistematiza o e o acompanhamento da mesma. Segundo o professor, o Turismo Solidário estabelece o debate sobre problemas socioambientais e provoca mudanças nos rumos e nos padrões de produ o e de consumo,

representando em última instância uma nova forma de se relacionar com a realidade e com a natureza.

O curso de extensão “Comercializa o e Gestão do Turismo Solidário” para a comunidade de Barra de Guaratiba, zona oeste do município do Rio de Janeiro, foi a primeira a o do Programa. Entre abril e junho, 23 moradores

da região – entre eles representantes de movimentos sociais locais (Amigos do Perigoso, Grupo Frades de Caminhadas e Polo Gastron mico de Barra de Guaratiba) – cumpriram uma carga horária de 28 horas e foram capacitados a reproduzir o conteúdo do curso a outros interessados da comunidade. Em outubro, os mesmos alunos foram monitores de nove estudantes de gradua o da UERJ (sete do Turismo, um da Enfermagem e um da Nutri o) durante a execu o de um “roteiro teste” que tem como objetivo contribuir para a elabora o de rotas que sejam convidativas ao turista que no futuro usufruir do Turvida. Segundo Lina Berardinelli, coordenadora do Programa, será produzido um material impresso (de acordo com a orienta o da Secretaria de Estado de Turismo) para distribui o em estabelecimentos da cidade cujo perfil de hóspedes se afinar com a proposta do Turismo Solidário.

Além de Barra de Guaratiba, outras quatro regiões foram selecionadas para a implanta o do Programa: Borel; Mercado Municipal do Rio de Janeiro (CADEG) e São Cristóvão; Glória, Aterro do Flamengo e Santa Teresa; e Mangueira. No Borel, 12 moradores já foram capacitados como monitores e as outras localidades estão sendo contatadas. Informa es detalhadas sobre o Programa estão no endereço eletrônico <[www.turismosolidario.uerj.br](http://www.turismosolidario.uerj.br)>.

Continua o da página 12

públicas, não são no nosso país, mas também nos países europeus e de toda a América Latina. Cada vez mais há compreensão conceitual de que a extensão universitária ou a denomina o que receba em outras universidades, em outros países,   um elemento fundamental para manter a Universidade relacionada com a sociedade   qual ela pertence, com seus diversos grupos e produ es desta sociedade”.

A professora Monica Heilbron, Sub-reitora de Pós-gradua o e Pesquisa, apresentou números da área de Inicia o Científica que, para ela, está se transformando. “Quero mostrar alguns números dessa moviment o: temos 314 bolsas PIBIC do CNPq, 20 bolsas CNPq

(Balcão), 7 bolsas CNPq de A es Afirmativas, 23 bolsas PIBIC Jr CNPq, 20 bolsas IC-JR (Balcão), 33 bolsas de Inova o Tecnológica do CNPq, 400 bolsas da Cota UERJ, 20 bolsas IC Jr de Ensino Médio e temos em torno de 161 bolsas FAPERJ, que são solicitadas diretamente pelos coordenadores e pesquisadores. Isso representa um universo de 998 bolsas de Inicia o Científica desenvolvidas na nossa Universidade. Esse número, na minha opinião, ainda   pequeno e devemos batalhar pelo seu aumento, inclusive pelo aumento da cota CNPq, uma luta histórica da nossa Universidade, pelo aumento das nossas cotas, e talvez pelo recebimento de cotas FAPERJ para o nosso programa PIBIC, já que temos

atualmente perto de 1.700 doutores – e na minha opinião cada um deles deveria orientar pelo menos um bolsista de Inicia o Científica da nossa Universidade”. A Semana de Inicia o Científica reuniu 922 trabalhos, examinados por 350 avaliadores internos e externos. O resultado foi 78 bolsistas recebendo men es honrosas e quatro premiados pelas grandes áreas de conhecimento

Homenageado em 2014 com o seu nome para o prêmio da Semana de Inicia o Científica, o professor Roberto Cavalcanti Bezerra falou sobre o valor do trabalho científico: “Acho importante que incentivemos os programas que possam fazer essa intera o, porque não se pode ser uma Universidade com muros,

mas sempre uma Universidade sem muros, porque   assim que a sociedade vai interagir e   assim que vamos interagir com a sociedade. Não podemos admitir segrega o de forma alguma, não podemos permitir que nosso país, com todo esse potencial, fique muito aquém de onde deveria estar nesse momento. Por isso   importante o trabalho que estamos fazendo aqui,   importante que possamos continuar essa parceria muito forte. A professora Monica cita 990 bolsas, que inveja! Quando assumi a Sub-reitoria em 1992 tínhamos 20 bolsas do CNPq, vindas da gestão anterior, do Reitor Ivo Barbieri, mais 90 bolsas UERJ. Então de 1992 para c  saímos de 20 bolsas CNPq para quase 400!”

## XVIII Semana de Física comemora os 70 anos do curso de graduação

Durante a Semana de Física realizada entre 3 e 5 de dezembro, a graduação em Física da UERJ comemorou 70 anos de criação. O curso foi oficialmente reconhecido em 1944, quando ainda funcionava no antigo Instituto La-Fayette, localizado na Rua Haddock Lobo nº 253, na Tijuca, onde hoje funciona a Fundação Bradesco. Em 1950, o curso foi transferido para a Universidade do Distrito Federal (UDF), rebatizada em 1958 como Universidade do Rio de Janeiro (URJ), em 1961 como Universidade do Estado da Guanabara (UEG), até finalmente chegar em 1975 a Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O curso de Física foi um dos primeiros a ocupar o espaço no *campus* Maracanã, localizado inicialmente no Pavilhão Reitor Haroldo Lisboa da Cunha e, posteriormente, no 3º andar do Pavilhão Reitor João Lyra Filho. A Semana de Física acontece todos os anos e na programação de 2014 – organizada pela Direção do Instituto e pelo Centro Acadêmico de Física (CAFis) – a proposta foi apresentar para os novos alunos o trabalho desenvolvido em cada departamento e também aproximar a Universidade de outras instituições.

Na UERJ há 33 anos, a professora Lúcia Alves, diretora do Instituto de Física, faz um balanço dos 70 anos do curso: “Quando cheguei, recém-formada, para dar aula na Universidade encontrei alunos com idade muito próxima à minha e colegas, na sua quase totalidade, apenas graduados, sem especialização. Atualmente, o quadro docente tem 95% de doutores; os alunos egressos, incluindo os da Licenciatura, estão fazendo pós-graduação ou estão muito bem empregados e o Instituto tem uma pós-graduação grau 5 na Capes. Diversos professores, a maior parte ex-alunos da própria UERJ, participam de projetos de extensão, trabalhando diretamente com a sociedade. Considero o curso realmente consolidado, mas isso não significa que devamos estagnar. Precisamos melhorar sempre. O dinamismo, afinal, é próprio do meio acadêmico”.

Uma novidade da Semana em 2014 foi o Planetário Itinerante digital, equipamento de R\$ 50 mil montado no interior da Capela Ecumênica, comprado pela equipe organizadora da Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica por meio de site de contribuições coletivas. O Planetário é usado para promover a divulgação da astronomia entre os jovens

e capacitar professores para o ensino da disciplina. A Olimpíada, da qual participam alunos do ensino fundamental e médio em todo o território nacional, já possuía um Planetário Itinerante analógico, aberto à visitação na Semana de Física do ano passado. “A vantagem do digital é que ele pode estar acoplado a um computador e, com isso, permitir a exibição de imagens do céu em 360º, um recurso mais atraente e realista se comparado ao planetário analógico, que apenas simula imagens por meio de um cubo plástico cujos furos deixam passar a luz emitida por uma lâmpada colocada em seu interior. O Planetário Itinerante digital exibe imagens em alta definição, permite ‘dar zoom’ nos planetas, nas constelações e nas estrelas, projetar filmes, acompanhar satélites naturais e artificiais etc. Com ele podemos ensinar praticamente toda a astronomia”, explica o professor João Batista Canalle, professor do Departamento de Eletrônica Quântica e coordenador da Olimpíada. As visitas aos dois planetários – ao analógico, em uso há pouco mais de um ano, e ao digital, em uso desde agosto de 2014 – somam quase 20 mil pessoas de escolas e creches públicas e particulares, asilos, orfanatos,

participantes de eventos de capacitação de professores, etc. Segundo o professor Canalle, para receber o Planetário Itinerante são cobrados apenas a alimentação e o transporte da equipe. A equipe da OBA pode ser contatada pelo e-mail <obadeolhonoceu@gmail.com> e pelo telefone 97915-5436.

Outra atração de destaque na programação deste ano foi o Show da Física, uma apresentação com experimentos de baixo custo (material reciclado) promovida pelo projeto de extensão “Com Ciência Física” – criado em 1984, e atualmente coordenado pela professora Jorgina Teixeira –, cujo objetivo é popularizar a Física ao mostrar que a ciência pode ser ensinada (e, portanto, compreendida) a partir de elementos do dia-a-dia. Cerca de 200 pessoas, entre estudantes e professores, reuniram-se no Auditório 31 da UERJ para atestar diversos fenômenos, como a condução de eletricidade e a eletrização causada pelo atrito, sob o comando do professor Ruy Pereira e do técnico de laboratório Adelino Carlos de Souza. Além de desenvolver os experimentos, o projeto faz com frequência apresentações em escolas públicas e particulares do estado.



Plateia da Semana de Física interage com um dos experimentos apresentados

# Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)Biográfica

*Evento reúne na UERJ cerca de 1.000 participantes e lança mais de 80 livros entre as várias atividades*

Para debater o tema “Entre o público e o privado: modos de viver, narrar e guardar”, a UERJ recebeu entre 16 e 19 de novembro o VI Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica, que reuniu cerca de 1.000 participantes do Brasil e de outros 10 países (Argentina, Bélgica, Colômbia, Espanha, França, Itália, México, Peru, Porto Rico e Portugal), estudantes de graduação e de pós-graduação, professores-pesquisadores da educação básica e do ensino superior, museólogos, arquivistas, escritores, bibliotecários e integrantes de movimentos sociais.

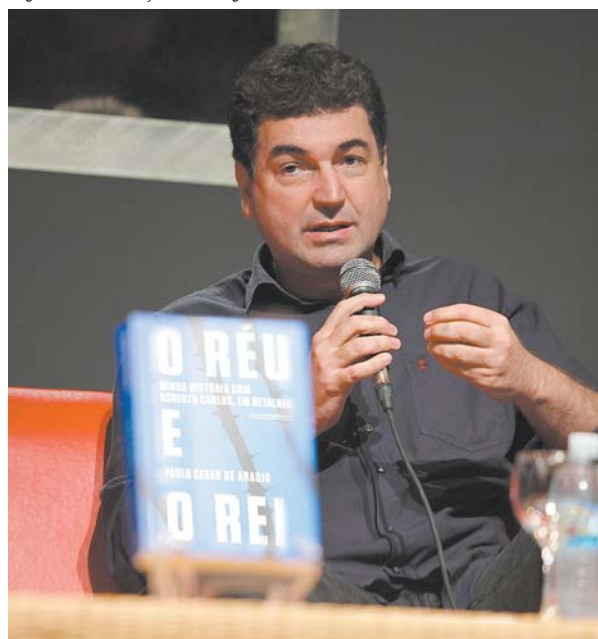
Depois de ter sido realizado em Porto Alegre (2004 e 2012), Salvador (2006), Natal (2008) e São Paulo (2010), o Congresso chegou ao Rio de Janeiro como resultado da parceria entre a Universidade e a Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica - BIOgrafh. O encontro foi financiado pelas agências de fomento CNPq, Capes e FAPERJ, pelo Consulado da França, pela Unimed e pela Fundação Cesgranrio, com a UERJ oferecendo a estrutura física do *campus* Maracanã e responsável pela organização.

No VI CIPA, o debate acadêmico foi pautado por sete eixos: pesquisa (auto)biográfica, fontes e questões; espaços formativos, memórias e narrativas; narrativas digitais, memórias e guarda; infância, aprendizagem e exercício da escrita; (auto)biografia, literatura e história; escrita de si, resistência e empoderamento; e histórias de vida, gênero e educação. Cada eixo resultou em um livro com o que foi trabalhado nas mesas-redondas e simpósios. Uma extensa programação cultural, com a curadoria de críticos literários, historiadores da arte e da educação e pesquisadores de diversas áreas, foi realizada em espaços culturais da Universidade e da cidade (na Biblioteca da Mangueira e no Centro Cultural Banco do Brasil), aberta à visitação pública, de modo que ciência e arte pudessem dialogar. Houve exposições, debates com escritores, lançamento de mais de 80 livros, apresentação teatral e mostra de cinema.

Entre as exposições, “Histórias Bordadas”, com curadoria do professor Ricardo Lima, foi a mais visitada na Universidade (mais de 1.000 pessoas nos primeiros 15 dias). A mostra reuniu na Galeria Candido Portinari trabalhos de fiandeiras da região do rio Uruçuia, no noroeste de Minas Gerais, na forma de bordados que registram o cotidiano, as visões de mundo, os saberes e a cultura das mulheres do lugar. No Café Biográfico, sob a curadoria do professor Ítalo Moriconi, foram debatidos os mecanismos legais cerceadores da liberdade de expressão nas publicações de biografias no teatro Odylo Costa, filho com o escritor Paulo Cesar de Araújo, biógrafo do cantor e compositor Roberto Carlos, e também a recuperação e o aprofundamento da história e da memória do regime militar brasileiro (por meio das biografias de seus protagonistas) com a participação de Jorge Ferreira, biógrafo do



*Alguns dos livros lançados no congresso internacional*



*Paulo Cesar de Araújo, biógrafo do cantor Roberto Carlos*



*Uma das fiandeiras da região do Rio Uruçuia (MG) na UERJ*

ex-presidente João Goulart, e Angela de Castro Gomes e Cláudio Aguiar, biógrafos do advogado, político e escritor Francisco Julião.

Adaptada do romance autobiográfico *O filho eterno*, a peça homônima que trata da relação de um jovem escritor com o filho portador da Síndrome de Down, foi encenada no Teatro Odylo Costa, filho, seguida de debate com Cristóvão Tezza, autor da obra. A adaptação para o teatro, feita por Bruno Lara Rezende e dirigida por Daniel Herz, agradou ao público e à crítica e recebeu quatro prêmios em 2011: Shell (melhor ator e categoria especial); APTR (melhor ator); e Orilaxé (categoria teatro). O romance best-seller, traduzido para vários idiomas, já havia conquistado os principais prêmios literários de 2007 e 2008 – Jabuti (melhor romance); APCA (melhor romance); BRAVO! (livro do ano); Portugal-Telecom; Faz Diferença/O Globo; Prix Littéraire Charles Brisset.

A mostra “Experiências da Autoimagem no Cinema” exibiu o curta-metragem *Elétrico Jardim da Escuridão*, documentário-experimental em que a diretora Mariana Campos de Carvalho, que também protagoniza o filme, expressa o término de uma relação amorosa através de imagens do próprio sofrimento vivido; e o longa-metragem chileno *Jovem Aloucada*, de Marialy Rivas, sobre uma jovem rebelde de 17 anos que expõe sua vida em um blog depois viver intensas aventuras sexuais. Foram exibidos ainda o curta-metragem *Ausência*, documentário de Jardel Tambani, e o longa-metragem 33, documentário de Kiko Goifman.

Para a professora da Faculdade de Educação Ana Chrystina Mignot, organizadora do evento, sediar um Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica seria, por si só, importante para a Universidade, já que “a (auto)biografia é um assunto que esgarça as fronteiras do conhecimento e, por essa razão, suscita o diálogo entre pesquisadores de diversas tradições disciplinares (Literatura, História, Educação, Antropologia, Sociologia, por exemplo) no que tange as questões tão em voga na atualidade da autoimagem e da imagem do outro”. A contribuição da sexta edição do evento, ainda segundo a professora, foram o esclarecimento de perspectivas muito novas no campo, como a escrita na infância e o as narrativas digitais, presentes em dois dos sete eixos abordados durante o Congresso; e a aproximação de pessoas, de dentro e de fora do meio acadêmico, voltadas de algum modo para a questão da (auto)biografia: “O tema ‘Entre o público e o privado: modos de viver, narrar e guardar’, tanto demonstra o enfraquecimento do preconceito que já houve em relação às biografias e autobiografias (de que seriam narrativas personalistas, pouco elucidativas do ponto de vista coletivo), como amplia o alcance do que seria um registro biográfico, trazendo para si contribuições que ultrapassam os muros da academia”.

## Instituto de Artes e Departamento Cultural/SR3 inauguram Laboratório de Artes Cênicas

Um novo espaço para apresentações, aulas e estudos cênicos na Universidade foi inaugurado em novembro no Centro Cultural: o Laboratório de Artes Cênicas, resultado de uma parceria entre o Instituto de Artes e o Departamento Cultural (vinculado à Sub-reitoria de Extensão e Cultura). O local foi aberto para o público com apresentações do espetáculo *O Marinheiro*, demonstrando o interesse do Instituto em oferecer também o curso de Artes Cênicas.

O Laboratório está localizado na sala 3 do Centro Cultural. Sua estrutura foi viabilizada por recursos da Faperj, conquistados no edital Apoio às Universidades Estaduais 2011, com projeto da professora Nanci de Freitas. Ela esclarece que a intenção foi criar um espaço adequado para as atividades do campo cênico, como a dança e o teatro: “A criação cênica pode ocorrer em qualquer lugar. Mas para realizarmos experimentações precisávamos de um ambiente equipado com recursos que permitissem todas as possibilidades”.

O projeto, que levou cerca de três anos para ser concluído desde a idealização à execução, hoje mantém uma sala equipada com recursos de sonorização e iluminação criados especificamente para atender às demandas, além de equipamento de informática, de projeção de vídeo em telão de 180 polegadas e piso apropriado para a prática de exercícios corporais. Por reunir esses equipamentos e contribuir para as áreas de pesquisa, ensino e extensão o Laboratório está cadastrado como Unidade de Desenvolvimento Tecnológico no Departamento de Inovação, vinculado à Sub-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa e conta com um bolsista Qualitec para o manejo dos equipamentos.

Aliando recursos artísticos, acadêmicos e tecnológicos, o Laboratório pretende contribuir para a formação e a qualificação de estudantes, profissionais, pesquisadores e docentes da área. “Espera-se que o espaço sirva para uma convivência e experimentação em cima das linguagens cênicas, compartilhado pela comunidade universitária”, diz a professora Ilana Linhares Rangel, coordenadora da Coordenadoria de Artes e Oficinas de Criação. O espaço está dedicado a aulas da graduação, atividades de extensão e pesquisa do Instituto de Artes, oficinas promovidas pela COART, espetáculos e apresentações.

Hoje o Laboratório abriga duas atividades da Coordenadoria de Artes – a oficina de teatro, orientada pelo diretor teatral José Araújo, e a oficina de Dança Afro, conduzida pela atriz, dançarina e coordenadora do grupo cultural CORPAFRO, Eliete Miranda – e também é espaço para a realização de sete disciplinas do Instituto de Artes. “Teatro: processos e modalidades”, “Dança: processos e modalidades” e “Performance” são disciplinas obrigatórias, enquanto “O teatro no Brasil”, “Processos de criação na cena contemporânea”, “Expressão corpórea” e “Corpo, espaço, improvisação” são eletivas universais, abertas para todos os alunos.



Espaço do Laboratório de Artes Cênicas preparado para apresentação teatral



Apresentação do primeiro espetáculo: “O Marinheiro”



Aula da oficina Zonas de Contato

A peça *O Marinheiro*, baseada em poema homônimo de Fernando Pessoa, que inaugurou o Laboratório, foi uma realização do projeto Mirateatro! Espaço de Estudos e Criação Cênica, coordenado pela professora Nanci de Freitas com a participação de três bolsistas de extensão. O projeto foi criado em 2007 e desenvolve atividades de pesquisa e de extensão, com produção de espetáculos ligados às questões artísticas contemporâneas. Para a professora, “o Laboratório é

fundamental para o *Mirateatro!*, porque trabalha com a pesquisa da cena, que envolve interpretação e criação, e o espaço oferece isso agora”. O Ateliê de Performance, coordenado pela professora Eloisa Brantes, é outra atividade desenvolvida no Laboratório com a proposta de funcionar como lugar de produção e criação a partir das experiências, pensamentos e questionamentos de artistas, estudantes e pesquisadores. O Palco em Debate, coordenado pela professora Denise Espírito Santo, diretora do Instituto de Artes, também faz parte do Laboratório e desenvolve metodologias e práticas pedagógicas das quais participam dois bolsistas de extensão e dois bolsistas de iniciação à docência. O Palco em Debate promove também a interiorização ao desenvolver residências artísticas e intercâmbios culturais com coletivos e grupos de teatro, dança, performance e artes visuais em cidades do interior do estado do Rio de Janeiro – como Barra Mansa, Volta Redonda e Paraíba do Sul.

Além de oferecer infraestrutura para pesquisas, o Laboratório é multiuso: “Pode abrigar apresentações dos nossos futuros trabalhos de criação, se adapta aos nossos interesses”, avalia a professora Denise Espírito Santo, já que a sala pode se adaptar às exigências de cada montagem levando em consideração as propostas de linguagens teatrais contemporâneas – que não exigem, por exemplo, a estrutura estática do palco italiano. Como se trata de um espaço para cerca de 60 pessoas permite apresentações intimistas e de experimentação, “voltadas para mostrar pesquisas que são desenvolvidas na sala e não para o teatro comercial. Podemos até convidar um artista para mostrar seu trabalho mas ele é dirigido para pequeno público”, destaca Nanci de Freitas. Segundo a professora, o laboratório pode ser o início de uma nova graduação.